



Recortes de Imprensa

Agosto 2011

apoio



CRIME

APAV arranca com campanha de sensibilização para turistas

por Lusa [Ontem](#)

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) arranca hoje com uma nova campanha de sensibilização especialmente dirigida aos turistas que visitam Portugal para que saibam o que fazer e onde recorrer caso sejam vítimas de um crime.

Em declarações à agência Lusa, o vice-presidente da APAV adiantou que a apresentação da campanha vai ser feita através de uma acção na rua Augusta, em Lisboa, onde será distribuída aos turistas e transeuntes que por ali passam informação sobre apoio às vítimas.

"Trata-se de alertar o turista para a prevenção que deve ter, mas também procurar dar uma resposta e apoio, uma solução quando é vítima de um crime de furto, por exemplo, de uma carteira ou quando é vítima de um dano de um carro que foi alugado e foi vandalizado para quando sair do território nacional ter uma sensação e uma resposta positiva ao mal que lhe aconteceu", explicou João Lázaro.

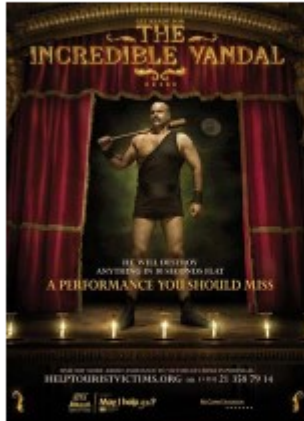
De acordo com a APAV, com base em dados do Instituto Nacional de Estatística (INE), Centro de Investigações Sociais e Empresariais (CISE) da Universidade Lusófona e Turismo de Portugal, o perfil do turista é masculino (59 por cento), com idade entre os 25 e os 44 anos e com habilitações académicas de nível superior.

Do total de 903 milhões de turistas registados em 2007 pelo INE, 484,4 milhões são provenientes da Europa, com a Espanha a liderar (59 por cento), seguida do Reino Unido (10 por cento), França (8 por cento) e Alemanha (5 por cento).

O motivo da viagem a Portugal tem que ver maioritariamente (72,3 por cento) com lazer, recreio e férias, sendo o sol e o mar (37,8 por cento) o que mais atrai turistas ao país, logo seguido pelo 'touring' cultural e paisagístico (29,7 por cento).

Regional

APAV lança apoio a turistas vítimas de crime



A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima lança na próxima quinta-feira uma campanha de sensibilização e reforço do apoio a turistas vítimas de crime.

[+](#) SHARE [f](#) [t](#) [e](#) ...d.r. [Ver Fotos »](#)

APAV apoia turistas vítimas de crime

Sofrer um crime num país estrangeiro coloca a vítima numa situação de especial vulnerabilidade, devido ao desconhecimento dos procedimentos judiciais e dos recursos de apoio disponíveis, às dificuldades de compreensão de outra língua e à normalmente curta permanência no país em que o crime foi cometido, o que dificulta a sua participação e o acompanhamento do processo.

A APAV, através da UAVIDRE - Unidade de Apoio à Vítima Imigrante e de Discriminação Racial ou Étnica, tem a capacidade para dar resposta a este tipo específico de vitimação, prestando apoio jurídico, psicológico, emocional e social a quem seja vítima de crime.

A APAV vai lançar uma nova campanha de sensibilização, dirigida aos turistas vítimas de crime.

A campanha de comunicação, que terá maior visibilidade durante o mês de agosto, foi desenvolvida em parceria mecénica com a agência McCann Erickson.

A campanha terá expressão através de diversos materiais: spots TV, spots rádio, cartazes, imprensa, internet.

Estes materiais têm como base o site helptouristvictims.org, desenvolvido com o apoio da Active Media, onde se encontra informação mais completa sobre a temática - dicas para viajantes, encontrar ajuda, direitos, etc. - disponível em três línguas (português, inglês e espanhol).

Esta campanha resulta do Projeto "May I Help You?", promovido pela APAV com financiamento da Comissão Europeia, e representa um primeiro passo na articulação da APAV com instituições da área do turismo e, particularmente, no sentido de reforçar parcerias com Embaixadas.

A campanha terá o seu arranque com uma ação de rua, no próximo dia 4 de agosto, quinta-feira, de tarde, na Rua Augusta em Lisboa.



quarta-feira, 3 de Agosto de 2011 | 10:02

APAV lança campanha de sensibilização para apoio a turistas

Os turistas que visitem Portugal e sejam vítimas de um crime poderão recorrer à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) para apoio jurídico ou resolução de questões práticas, como os procedimentos para cancelar cartões de crédito.

Este apoio vai ser divulgado na quinta-feira, através da apresentação de uma campanha de sensibilização que a APAV vai lançar especialmente dirigida aos turistas que visitam Portugal, resultante do projeto "May i help you" (Posso ajudá-lo), que tem financiamento da Comissão Europeia.

"Trata-se de alertar o turista para a prevenção que deve ter, mas também procurar dar uma resposta e apoio, uma solução quando é vítima de um crime de furto, por exemplo, de uma carteira ou quando é vítima de um dano de um carro que foi alugado e foi vandalizado para quando sair do território nacional ter uma sensação e uma resposta positiva ao mal que lhe aconteceu", explicou à agência Lusa o secretário-geral da associação.

De acordo com João Lázaro, este é um trabalho que a APAV tem vindo a desenvolver em várias fases e que passa por uma ligação com as embaixadas em Portugal, sendo que muitas disponibilizam nos seus sites ligação para o site da APAV e referência à campanha.

Acrescentou que a informação é igualmente passada através dos agentes de turismo e que a campanha estará principalmente centralizada em Lisboa, com perspetiva de ser alargada aos pontos mais turísticos do continente e ilhas.

"É um apoio emocional porque quando se está fora do país de origem a cultura é diferente, os procedimentos são diferentes, o papel da polícia varia de país para país. Depois é também um apoio muito prático que passa por ajudar ao cancelamento dos cartões de crédito, fazer a ponte para a embaixada, para os documentos que poderão ser necessários para viajar e ajudar à resolução de questões práticas que reforcem a segurança e evitem que as coisas roubadas possam servir para outros crimes", adiantou João Lázaro.

Disse também que a ajuda dada inclui apoio jurídico, explicando que direitos é que as pessoas têm, "designadamente porque face à legislação europeia, nomeadamente em relação a crimes mais violentos, os cidadãos estrangeiros da União Europeia poderão ter direito a uma indemnização".

O secretário-geral da APAV disse que a apresentação da campanha vai ser feita através de uma ação na rua Augusta, em Lisboa, onde será distribuída informação sobre apoio às vítimas aos turistas e transeuntes que por ali passem.

Diário Digital / Lusa

APAV lança campanha de sensibilização para apoio a turistas

Publicado em 03 de Agosto de 2011

Fotografia



Crime violento

Os **turistas** que visitem **Portugal** e sejam vítimas de um crime poderão recorrer à Associação Portuguesa de **Apoio à Vítima** (APAV) para apoio jurídico ou resolução de questões práticas, como os procedimentos para cancelar cartões de crédito.

Este apoio vai ser divulgado na quinta-feira, através da apresentação de uma campanha de sensibilização que a APAV vai lançar especialmente dirigida aos turistas que visitam Portugal, resultante do projeto "May i help you" (Posso ajudá-lo), que tem financiamento da Comissão Europeia.

"Trata-se de alertar o **turista** para a prevenção que deve ter, mas também procurar dar uma resposta e apoio, uma solução quando é vítima de um crime de furto, por exemplo, de uma carteira ou quando é vítima de um dano de um carro que foi alugado e foi vandalizado para quando sair do **território nacional** ter uma sensação e uma resposta positiva ao mal que lhe aconteceu", explicou à agência Lusa o secretário-geral da associação.

De acordo com João Lázaro, este é um trabalho que a APAV tem vindo a desenvolver em várias fases e que passa por uma ligação com as embaixadas em Portugal, sendo que muitas disponibilizam nos seus sites ligação para o site da APAV e referência à campanha.

Acrescentou que a informação é igualmente passada através dos agentes de turismo e que a campanha estará principalmente centralizada em **Lisboa**, com perspetiva de ser alargada aos pontos mais turísticos do **continente** e **ilhas**.

"É um apoio emocional porque quando se está fora do país de origem a cultura é diferente, os procedimentos são diferentes, o papel da polícia varia de país para país. Depois é também um apoio muito prático que passa por ajudar ao cancelamento dos cartões de **crédito**, fazer a ponte para a **embaixada**, para os documentos que poderão ser necessários para viajar e ajudar à resolução de questões práticas que reforcem a **segurança** e evitem que as coisas roubadas possam servir para outros crimes", adiantou João Lázaro.

Disse também que a ajuda dada inclui apoio jurídico, explicando que direitos é que as pessoas têm, "designadamente porque face à legislação europeia, nomeadamente em relação a crimes mais **violentos**, os cidadãos estrangeiros da União Europeia poderão ter direito a uma **indemnização**".

O secretário-geral da APA disse que a apresentação da campanha vai ser feita através de uma ação na rua Augusta, em Lisboa, onde será distribuída informação sobre apoio às vítimas aos **turistas** e **transeuntes** que por ali passem.

Turismo



APAV apoia turistas que sejam vítimas de um crime

Este apoio vai ser divulgado na quinta-feira, dia 04 de Agosto, através da apresentação de uma campanha de sensibilização que a APAV vai lançar especialmente dirigida aos turistas que visitam Portugal, resultante do projeto "May i help you" (Posso ajudá-lo), que tem financiamento da Comissão Europeia.

"Trata-se de alertar o turista para a prevenção que deve ter, mas também procurar dar uma resposta e

apoio, uma solução quando é vítima de um crime de furto, por exemplo, de uma carteira ou quando é vítima de um dano de um carro que foi alugado e foi vandalizado para quando sair do território nacional ter uma sensação e uma resposta positiva ao mal que lhe aconteceu", explicou o secretário-geral da associação.

De acordo com João Lázaro, este é um trabalho que a APAV tem vindo a desenvolver em várias fases e que passa por uma ligação com as embaixadas em Portugal, sendo que muitas disponibilizam nos seus sites ligação para o site da APAV e referência à campanha.

Acrecentou que a informação é igualmente passada através dos agentes de turismo e que a campanha estará principalmente centralizada em Lisboa, com perspetiva de ser alargada aos pontos mais turísticos do continente e ilhas.

"É um apoio emocional porque quando se está fora do país de origem a cultura é diferente, os procedimentos são diferentes, o papel da polícia varia de país para país. Depois é também um apoio muito prático que passa por ajudar ao cancelamento dos cartões de crédito, fazer a ponte para a embaixada, para os documentos que poderão ser necessários para viajar e ajudar à resolução de questões práticas que reforcem a segurança e evitem que as coisas roubadas possam servir para outros crimes", adiantou João Lázaro.

Disse também que a ajuda dada inclui apoio jurídico, explicando quais os direitos que as pessoas têm, "designadamente porque face à legislação europeia, nomeadamente em relação a crimes mais violentos, os cidadãos estrangeiros da União Europeia poderão ter direito a uma indemnização".

O secretário-geral da APAV disse que a apresentação da campanha vai ser feita através de uma ação na rua Augusta, em Lisboa, onde será distribuída informação sobre apoio às vítimas aos turistas e transeuntes que por ali passem.

(ES)



Turistas em Portugal já têm linha da APAV

No âmbito do projeto "May i help you" que tem financiamento da Comissão Europeia

Os turistas que visitem Portugal e sejam vítimas de um crime poderão recorrer à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) para apoio jurídico ou resolução de questões práticas, como os procedimentos para cancelar cartões de crédito.

Este apoio vai ser divulgado na quinta-feira, através da apresentação de uma campanha de sensibilização que a APAV vai lançar especialmente dirigida aos turistas que visitam Portugal, resultante do projeto "May i help you" (Posso

ajudá-lo), que tem financiamento da Comissão Europeia.

"Trata-se de alertar o turista para a prevenção que deve ter, mas também procurar dar uma resposta e apoio, uma solução quando é vítima de um crime de furto, por exemplo, de uma carteira ou quando é vítima de um dano de um carro que foi alugado e foi vandalizado para quando sair do território nacional ter uma sensação e uma resposta positiva ao mal que lhe aconteceu", explicou à o secretário-geral da associação.

De acordo com João Lázaro, este é um trabalho que a APAV tem vindo a desenvolver em várias fases e que passa por uma ligação com as embaixadas em Portugal, sendo que muitas disponibilizam nos seus sites ligação para o site da APAV e referência à campanha.

Acrescentou que a informação é igualmente passada através dos agentes de turismo e que a campanha estará principalmente centralizada em Lisboa, com perspetiva de ser alargada aos pontos mais turísticos do continente e ilhas.

"É um apoio emocional porque quando se está fora do país de origem a cultura é diferente, os procedimentos são diferentes, o papel da polícia varia de país para país. Depois é também um apoio muito prático que passa por ajudar ao cancelamento dos cartões de crédito, fazer a ponte para a embaixada, para os documentos que poderão ser necessários para viajar e ajudar à resolução de questões práticas que reforcem a segurança e evitem que as coisas roubadas possam servir para outros crimes", adiantou João Lázaro.

Disse também que a ajuda dada inclui apoio jurídico, explicando que direitos é que as pessoas têm, "designadamente porque face à legislação europeia, nomeadamente em relação a crimes mais violentos, os cidadãos estrangeiros da União Europeia poderão ter direito a uma indemnização".

O secretário-geral da APAV disse que a apresentação da campanha vai ser feita através de uma ação na rua Augusta, em Lisboa, onde será distribuída informação sobre apoio às vítimas aos turistas e transeuntes que por ali passem.

Fonte: Lusa

3 de agosto de 2011

[Home](#) >> [Exclusivo](#) >> [Notícias](#) >> [APAV lança campanha de apoio a turistas](#)

APAV lança campanha de apoio a turistas

Escrito por IP Quinta, 04 Agosto 2011 17:53 Actualizado em Quinta, 04 Agosto 2011 17:54



A Associação de Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) lança hoje uma campanha de sensibilização e reforço do apoio a turistas vítimas de crime. A APACV, através da UAVIDRE – Unidade de Apoio à Vítima Imigrante e de Discriminação Racial ou Étnica, tem a capacidade para dar resposta a este tipo de vítimas, prestando apoio jurídico, psicológico, emocional e social.

Esta campanha resulta do projecto "May I Help You?", promovido pela APAV com o financiamento da Comissão Europeia, representando um primeiro passo na articulação da APAV com instituições da área do turismo e, particularmente, no sentido de reforçar parcerias com embaixadas. "Sofrer um crime num país estrangeiro, coloca vítima numa situação de especial vulnerabilidade, devido ao desconhecimento dos procedimentos judiciais e dos recursos de apoio disponíveis, às dificuldades de compreensão de outra língua e à normalmente curta permanência no país em que o crime foi cometido, o que dificulta a sua participação e o acompanhamento do processo" refere a APAV no seu site.



ID: 36840808

04-08-2011

APAV prepara estudo regional aos crimes sobre turistas

FRANCISCO CUNHA
fcunha@acorianooriental.pt

A delegação regional da APAV - Associação para Apoio à Vítima - está a preparar um estudo relativamente aos crimes que visam turistas nos Açores, bastantes mediatizados nas últimas semanas.

"Estamos a fazer um diagnóstico para perceber quem são os nossos turistas, quais as situações de crime que os atingem e as suas maiores preocupações", avança a presidente da APAV Açores, Helena Costa. "Assim podemos desenvolver uma campanha mais específica e concreta para a Região, porque o turismo tem as suas especificidades conforme o local onde se está".

Relativamente à quantidade de assaltos que têm sucedido a turistas em São Miguel, o que se conclui é que se trata de um número "não muito expressivo, mas tal não significa que não mereça atenção", havendo necessidade de aguardar os resultados dos diagnósticos para saber quais as medidas a tomar no futuro.

A nível nacional, a APAV lança hoje uma campanha de sensibilização para apoio a turistas, que possibilita que as vítimas de crime possam recorrer à associação para apoio jurídico ou resolução de questões práticas, como os procedimentos para cancelar cartões de crédito, indica notícia da Lusa. A campanha é resultante do "May I help you" (Posso ajudá-lo), que tem financiamento da Comissão Europeia e também alerta para formas de prevenção dos crimes.

Esta campanha pode ser extensível também aos Açores, com Helena Costa a informar que nenhuma acção está definida em concreto, mas há a intenção de o fazer. "Temos essa vontade e temos consciência de que a situação dos turistas vítimas de crime nos Açores já existe e começa a ser divulgada, especialmente a nível de furtos, e queremos fazer acções específicas na Região", informa Helena Costa.

A acção nacional da APAV terá divulgação regional através de meios como spots de rádio, televisão, internet e imprensa. "Va-

mos seleccionar alguns materiais, para divulgar aqui nos Açores. Cada zona escolhe métodos mais adequados ou aqueles que tenhamos mais facilidade em divulgar", explica Helena Costa.

A APAV tem já operacional em Ponta Delgada um sistema de referência, destinado a vítimas de crimes, turistas e não só, no território da esquadra de Ponta Delgada, no qual as vítimas podem deixar os seus dados pessoais quando forem apresentar queixa, entrando depois a associação em contacto. O sistema inclusivamente já foi usado por al-

guns dos turistas estrangeiros que foram assaltados nas últimas semanas.

"Aos turistas geralmente são furtados bens materiais, como as malas, onde estes têm documentos de que precisam para voltar aos países de origem", conta Helena Costa. "A APAV presta apoio no sentido de conseguirem contactar embaixadas e consulados para fazerem documentos provisórios e poderem viajar e contactamos também familiares, pois muitas vezes são furtados telemóveis com os contactos que têm para casa". ♦

ARQUIVO AO - EDUARDO COSTA



Associação de Apoio à Vítima nos Açores tem em curso estudo para a implementação de medidas

Informação sobre crimes em Portugal

APAV lança campanha dirigida aos turistas

Os turistas são os principais 'alvos' de uma campanha que é lançada esta quinta-feira, na Rua Augusta, em Lisboa, pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), com o objectivo de fornecer informação quanto ao que fazer em caso de crime.

04 Agosto 2011 ☆ 270 de votos (2) ➤ Comentários (0)



30 people like this. Be the first of your friends.



De acordo com a APAV, com base em dados do Instituto Nacional de Estatística (INE), Centro de Investigações Sociais e Empresariais (CISE) da Universidade Lusófona e Turismo de Portugal, o perfil do turista é masculino (59 por cento), com idade entre os 25 e os 44 anos e com habilitações académicas de nível superior.

Do total de 903 milhões de turistas registados em 2007 pelo INE, 484,4 milhões são provenientes da Europa, com a Espanha a liderar (59 por cento), seguida do Reino Unido (10), França (8) e Alemanha (5).

O motivo da viagem a Portugal tem que ver maioritariamente (72,3 por cento) com lazer, recreio e férias, sendo o Sol e o mar (37,8) o que mais atrai turistas, logo seguido pela vertente cultural e paisagística (29,7). O Algarve é a zona mais procurada (42,4 por cento), seguida por Lisboa e Vale do Tejo (25,7), Madeira (19,4) e Norte (6,6).

Segundo a APAV, os crimes de que os turistas são mais alvo são os de oportunidade, como o vandalismo ou o roubo, mas também crimes de violência.





APAV Açores apoia turistas vítimas de crime

Sistema de referenciação que reforça o apoio às vítimas de crime...

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima lança hoje uma campanha de sensibilização e reforço do apoio a turistas vítimas de crime.

Sofrer um crime num país estrangeiro coloca a vítima numa situação de especial vulnerabilidade, devido ao desconhecimento dos procedimentos judiciais e dos recursos de apoio disponíveis, às dificuldades de compreensão de outra língua e à normalmente curta permanência no país em que o crime foi cometido, o que dificulta a sua participação e o acompanhamento do processo.

A APAV, através da UAVIDRE -

Unidade de Apoio à Vítima Imigrante e de Discriminação Racial ou Étnica, tem a capacidade para dar resposta a este tipo específico de vitimação, prestando apoio jurídico, psicológico, emocional e social a quem seja vítima de crime.

Assim sendo, a APAV lança uma nova campanha de sensibilização, dirigida aos turistas vítimas de crime. A campanha de comunicação, que terá maior visibilidade durante o mês de Agosto, foi desenvolvida em parceria mecenática com a agência McCann Erickson. A campanha terá expressão através de diversos materiais: spots TV, spots rádio, cartazes, imprensa, internet.

Estes materiais têm como base o site help-touristvictims.org, desenvolvido com o apoio da Active Media,

onde se encontra informação mais completa sobre a temática - dicas para viajantes, encontrar ajuda, direitos, etc. - disponível em três línguas (português, inglês e espanhol).

Esta campanha resulta do Projecto "May I Help You?", promovido pela APAV com financiamento da Comissão Europeia, e representa um primeiro passo na articulação da APAV com instituições da área do turismo e, particularmente, no sentido de reforçar parcerias com Embaixadas.

A iniciativa decorre de igual forma entre nós através da APAV Açores

Sistema de referenciação de vítimas de crime em Ponta Delgada

A APAV através da estrutura regional APAV Açores, e o Comando

Regional da Polícia de Segurança Pública (PSP) dispõem em Ponta Delgada um sistema de referenciação que reforça o apoio às vítimas de crime. Entende-se por sistema de referenciação o mecanismo de articulação no âmbito do qual a PSP transmite à APAV informações sobre a ocorrência de crimes e respectivas vítimas, com o consentimento destas e com a finalidade de lhes ser prestado apoio pela APAV.

Devido ao posicionamento privilegiado no que toca ao contacto com vítimas de crimes, deve a PSP disponibilizar a estas toda a informação relevante acerca dos serviços de apoio à vítima existentes na área geográfica da sua esquadra. No entanto, muitas das vítimas, no momento em que contactam as autoridades policiais, encontram-se



em situações de stress e por conseguinte podem não estar com capacidade para ouvir, ver ou ler a informação à sua disposição nas esquadras. Dessa forma, mais tarde, se precisarem de apoio, não sabem a quem devem recorrer.

De acordo com a responsável pela APAV Açores, Helena Chaves, através do sistema de referenciação, quando uma vítima se apresenta na esquadra, as autoridades policiais, imediatamente após a apre-

sentação de queixa ou denúncia, informam-na da existência da APAV e dos vários tipos de apoio que a associação presta às vítimas de crime. Esta iniciativa vai de encontro à missão social da APAV, de apoiar as vítimas de crime, suas famílias e amigos, prestando-lhes serviços de qualidade, gratuitos e confidenciais e contribuir para o aperfeiçoamento das políticas públicas, sociais e privadas centradas no estatuto da vítima.



APAV lança nova campanha de sensibilização

Actualizado ontem, às 11:21

Lusa

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) arranca hoje com uma nova campanha de sensibilização especialmente dirigida aos turistas que visitam Portugal para que saibam o que fazer e onde recorrer caso sejam vítimas de um crime.

Em declarações à agência Lusa, o vice-presidente da APAV adiantou que a apresentação da campanha vai ser feita através de uma ação na rua Augusta, em Lisboa, onde será distribuída aos turistas e transeuntes que por ali passem informação sobre apoio às vítimas.

"Trata-se de alertar o turista para a prevenção que deve ter, mas também procurar dar uma resposta e apoio, uma solução quando é vítima de um crime de furto, por exemplo, de uma carteira ou quando é vítima de um dano de um carro que foi alugado e foi vandalizado para quando sair do território nacional ter uma sensação e uma resposta positiva ao mal que lhe aconteceu", explicou João Lázaro.

De acordo com a APAV, com base em dados do Instituto Nacional de Estatística (INE), Centro de Investigações Sociais e Empresariais (CISE) da Universidade Lusófona e Turismo de Portugal, o perfil do turista é masculino (59 por cento), com idade entre os 25 e os 44 anos e com habilitações académicas de nível superior.

Do total de 903 milhões de turistas registados em 2007 pelo INE, 484,4 milhões são provenientes da Europa, com a Espanha a liderar (59 por cento), seguida do Reino Unido (10 por cento), França (8 por cento) e Alemanha (5 por cento).

O motivo da viagem a Portugal tem que ver maioritariamente (72,3 por cento) com lazer, recreio e férias, sendo o sol e o mar (37,8 por cento) o que mais atrai turistas ao país, logo seguido pelo 'touring' cultural e paisagístico (29,7 por cento).

O Algarve é a zona do país mais procurada (42,4 por cento), seguida por Lisboa e Vale do Tejo (25,7 por cento), região da Madeira (19,4 por cento) e Norte (6,6 por cento).

Segundo a APAV, os crimes de que os turistas são mais frequentemente alvo são os crimes de oportunidade, como o vandalismo ou o roubo, mas também crimes de violência (como por exemplo, assaltos a carros, raptos ou violações) e os crimes de auto-vitimização (como compra de droga, recurso à prostituição ou desordem pública).

A campanha resulta do projeto "May i help you" (Posso ajudá-lo), que tem financiamento da Comissão Europeia, e através do site <http://www.helptouristvictims.org> é possível ter acesso a informação mais detalhada em três línguas (português, inglês e espanhol), com dicas para os viajantes sobre como encontrar ajuda ou quais são os seus direitos.

A campanha terá maior visibilidade durante o mês de agosto e terá expressão tanto em televisão, como rádio, na imprensa e na internet.



ACTUALIDADE

Crime: APAV arranca hoje com campanha de sensibilização dirigida aos turistas

Lusa

6:32 Quinta feira, 4 de agosto de 2011

Comente



Partilhe



Lisboa, 04 ago (Lusa) -- A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) arranca hoje com uma nova campanha de sensibilização especialmente dirigida aos turistas que visitam Portugal para que saibam o que fazer e onde recorrer caso sejam vítimas de um crime.

Em declarações à agência Lusa, o vice-presidente da APAV adiantou que a apresentação da campanha vai ser feita através de uma ação na rua Augusta, em Lisboa, onde será distribuída aos turistas e transeuntes que por ali passem informação sobre apoio às vítimas.

"Trata-se de alertar o turista para a prevenção que deve ter, mas também procurar dar uma resposta e apoio, uma solução quando é vítima de um crime de furto, por exemplo, de uma carteira ou quando é vítima de um dano de um carro que foi alugado e foi vandalizado para quando sair do território nacional ter uma sensação e uma resposta positiva ao mal que lhe aconteceu", explicou João Lázaro.

04-08-2011 - 17:42h

Turistas pouco sensíveis ao crime em Portugal

Nova campanha de rua informa como prevenir e agir em situações de perigo

Por: Redação / IPL



A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) foi à rua e distribuiu nesta quinta-feira diversas informações a turistas. A campanha de rua foi feita na Baixa de Lisboa e um folheto fornece contactos das autoridades policiais, das embaixadas, e conselhos para prevenir alguns crimes cometidos a turistas.

Na Rua Augusta os turistas que passaram nem sempre foram receptivos à abordagem da APAV, e muitos deles nem aceitaram receber a informação. Segundo a Lusa, os turistas que receberam o folheto informativo limitaram-se a ouvir as explicações, limitando-se a agradecer, mas sem grande entusiasmo à iniciativa.

LEIA MAIS:

- » [Partidos «unidos» na defesa das vítimas de crimes](#)
- » [Petição contra tráfico sexual entregue no Parlamento](#)
- » [Idosos: denúncia de maus-tratos dispara em 2011](#)
- » [Mais pessoas procuraram o apoio da APAV em 2010](#)

O documento distribuído fornece sugestões para os viajantes, informações práticas, contactos úteis, e mesmo informações sobre o código penal português.

Joana Ruivo, da APAV, explicou que o objectivo desta acção é de «sensibilizar os turistas para a possibilidade de serem vítimas de crime, apesar de Portugal ser um país de brandos costumes».

O folheto informativo faz «um apanhado das principais informações que os turistas necessitam. É um guia prático» acrescentou.

Se o turista for vítima de crime em Portugal a associação aconselha apresentar queixa às autoridades policiais e solicitar apoio à APAV ou às embaixadas. Joana Ruivo salienta ainda que a associação pode também ajudar as vítimas com refeições, produtos de higiene ou mesmo algum dinheiro para necessidades básicas.

Os crimes mais frequentes a turistas são crimes de oportunidade, como o vandalismo ou o roubo, mas também crimes de violência (como assaltos a carros, raptos ou violações) e os crimes de auto-vitimização (como compra de droga, recurso à prostituição ou desordem pública).

[/ NOTÍCIAS](#) > [o País](#) /

2011-08-04 10:51

CRIME: APAV arranca hoje com campanha de sensibilização

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) arranca hoje com uma nova campanha de sensibilização especialmente dirigida aos turistas que visitam Portugal para que saibam o que fazer e onde recorrer caso sejam vítimas de um crime.

Segundo a APAV, os crimes de que os turistas são mais frequentemente alvo são os crimes de oportunidade, como o vandalismo ou o roubo, mas também crimes de violência. A campanha resulta do projeto "May i help you" (Posso ajudá-lo), que tem financiamento da Comissão Europeia, e através do site <http://www.help tourist victims.org> é possível ter acesso a informação mais detalhada em três línguas (português, inglês e espanhol), com dicas para os viajantes sobre como encontrar ajuda ou quais são os seus direitos.

Atualizar: 04-08-2011

APAV arranca hoje com campanha de sensibilização dirigida aos turistas

Lisboa, 04 ago (Lusa) - A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) arranca hoje com uma nova campanha de sensibilização especialmente dirigida a...

0 | | Partilhado 1 vezes ▼

Like

Tweetar

0



APAV arranca hoje com campanha de sensibilização dirigida aos turistas

Lisboa, 04 ago (Lusa) - A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) arranca hoje com uma nova campanha de sensibilização especialmente dirigida aos turistas que visitam Portugal para que saibam o que fazer e onde recorrer caso sejam vítimas de um crime.

Em declarações à agência Lusa, o vice-presidente da APAV adiantou que a apresentação da campanha vai ser feita através de uma ação na rua Augusta, em Lisboa, onde será distribuída aos turistas e

transeuntes que por ali passem informação sobre apoio às vítimas.

"Trata-se de alertar o turista para a prevenção que deve ter, mas também procurar dar uma resposta e apoio, uma solução quando é vítima de um crime de furto, por exemplo, de uma carteira ou quando é vítima de um dano de um carro que foi alugado e foi vandalizado para quando sair do território nacional ter uma sensação e uma resposta positiva ao mal que lhe aconteceu", explicou João Lázaro.

De acordo com a APAV, com base em dados do Instituto Nacional de Estatística (INE), Centro de Investigações Sociais e Empresariais (CISE) da Universidade Lusófona e Turismo de Portugal, o perfil do turista é masculino (59 por cento), com idade entre os 25 e os 44 anos e com habilitações académicas de nível superior.

Do total de 903 milhões de turistas registados em 2007 pelo INE, 484,4 milhões são provenientes da Europa, com a Espanha a liderar (59 por cento), seguida do Reino Unido (10 por cento), França (8 por cento) e Alemanha (5 por cento).

O motivo da viagem a Portugal tem que ver maioritariamente (72,3 por cento) com lazer, recreio e férias, sendo o sol e o mar (37,8 por cento) o que mais atrai turistas ao país, logo seguido pelo 'touring' cultural e paisagístico (29,7 por cento).

O Algarve é a zona do país mais procurada (42,4 por cento), seguida por Lisboa e Vale do Tejo (25,7 por cento), região da Madeira (19,4 por cento) e Norte (6,6 por cento).

Segundo a APAV, os crimes de que os turistas são mais frequentemente alvo são os crimes de oportunidade, como o vandalismo ou o roubo, mas também crimes de violência (como por exemplo, assaltos a carros, raptos ou violações) e os crimes de auto-vitimização (como compra de droga, recurso à prostituição ou desordem pública).

Crime: APAV arranca hoje com campanha de sensibilização dirigida aos turistas

04-08-2011 10:45:00

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) arranca hoje com uma nova campanha de sensibilização especialmente dirigida aos turistas que visitam Portugal para que saibam o que fazer e onde recorrer caso sejam vítimas de um crime.

Em declarações à agência Lusa, o vice-presidente da APAV adiantou que a apresentação da campanha vai ser feita através de uma ação na rua Augusta, em Lisboa, onde será distribuída aos turistas e transeuntes que por ali passem informação sobre apoio às vítimas.

“Trata-se de alertar o turista para a prevenção que deve ter, mas também procurar dar uma resposta e apoio, uma solução quando é vítima de um crime de furto, por exemplo, de uma carteira ou quando é vítima de um dano de um carro que foi alugado e foi vandalizado para quando sair do território nacional ter uma sensação e uma resposta positiva ao mal que lhe aconteceu”, explicou João Lázaro.

**APAV****Campanha apoia turistas estrangeiros**

A Associação de Apoio à Vítima (APAV) lança hoje uma campanha de esclarecimento para os turistas que visitam o país, com informações úteis para cidadãos estrangeiros que possam ser vítimas de crime durante as férias.

A iniciativa arranca na Baixa lisboeta, mas será visível na rádio e nas televisões. O secretário-geral da APAV, João Lázaro, afirma, contudo, que isto não significa que Portugal se tenha tornado um destino pouco seguro para os estrangeiros, mas que esta é uma "ajuda muito prática", na própria língua.

Segundo a associação, os crimes de que os turistas são mais frequentemente alvo são os crimes de oportunidade, como o vandalismo ou o roubo, mas também crimes de violência - como, por exemplo, assaltos a carros, raptos ou violações - e os crimes de auto-vitimização, como compra de droga, recurso à prostitui-

ção ou desordem pública).

A campanha resulta do projecto "May I help you" (Posso ajudá-lo), que tem financiamento da Comissão Europeia. Através do *site* <http://www.helptouristvictims.org/> é possível ter acesso a informação mais detalhada em três línguas (português, inglês e espanhol), com dicas para os viajantes sobre como encontrar ajuda ou quais são os seus direitos.

De acordo com a APAV, com base em dados do Instituto Nacional de Estatística (INE), Centro de Investigações Sociais e Empresariais (CISE) da Universidade Lusófona e Turismo de Portugal, o perfil do turista é masculino (59%), com idade entre os 25 e os 44 anos e com habilitações académicas de nível superior.

Do total de 903 milhões de turistas registados em 2007, 484,4 milhões são provenientes da Europa, com a Espanha a liderar, seguida do Reino Unido.



Campanha APAV lança linha de apoio a turistas

● Os turistas que visitem Portugal e sejam vítimas de um crime poderão recorrer à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima para apoio jurídico ou resolução de questões práticas, como os procedimentos para cancelar cartões de crédito. Este apoio vai ser divulgado amanhã, através da apresentação de uma campanha de sensibilização que a APAV vai lançar para os turistas que visitam Portugal.

Summer Vibes

A TOCAR AGORA

ARTISTA: AC

MÚSICA: IE

HORA: 11:53:50

OUVE AQUI A EMISSÃO ONLINE

NO AR

JOANA CRUZ

PROGRAMAS || RFM'S || MÚSICA || FILMES || ESPECTÁCULOS || DESAFIOS RFM || INFORMAÇÃO || WEBRÁDIOS

APAV lança campanha de sensibilização dirigida a turistas

Inserido em 04-08-2011 10:05



Iniciativa "May I Help You" — em português "Posso Ajudá-lo" — consiste num site da Internet com informações úteis em três línguas, e anúncios na rádio e televisão.

A Associação de Apoio à Vítima (APAV) lança hoje uma campanha de esclarecimento para os turistas que visitam o país, com informações úteis para quem é estrangeiro e é vítima de crime durante as férias.

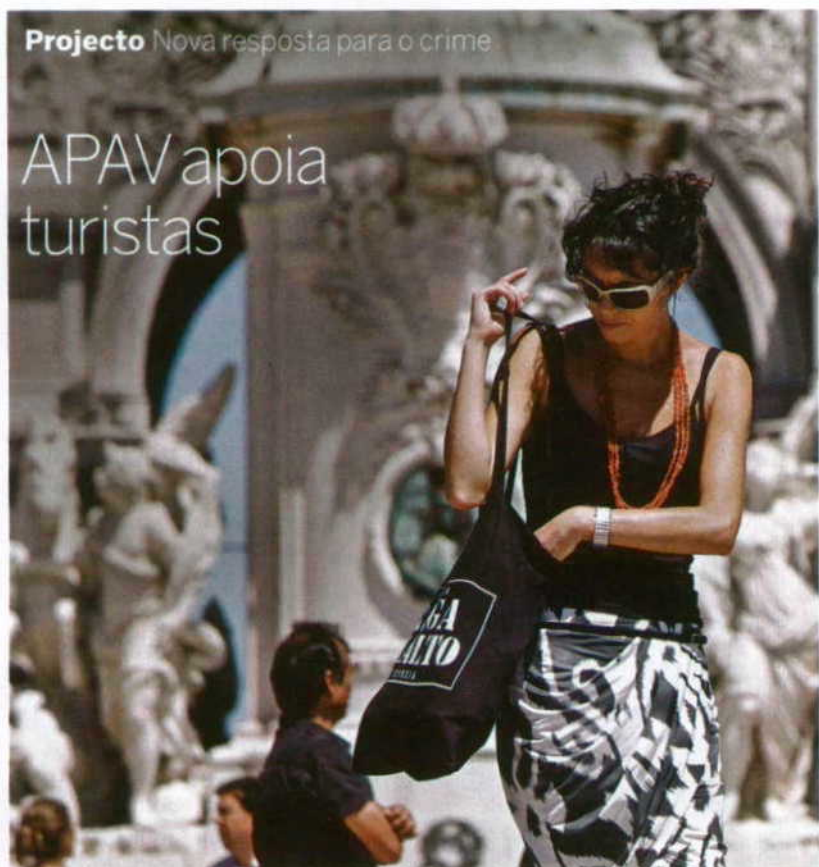
A iniciativa arranca na Baixa lisboeta, mas será visível na rádio e nas televisões. João Lázaro, secretário-geral da APAV, afirma, contudo, que isto não significa que Portugal se tenha tornado um destino pouco seguro para os estrangeiros, mas que esta é uma "ajuda muito prática", na própria língua.

Segundo a associação, os crimes de que os turistas são mais frequentemente alvo são os crimes de oportunidade, como o vandalismo ou o roubo, mas também crimes de violência (como por exemplo, assaltos a carros, raptos ou violações) e os crimes de auto-vitimização (como compra de droga, recurso à prostituição ou desordem pública).

A campanha resulta do projecto "May I help you" (Posso ajudá-lo), que tem financiamento da Comissão Europeia, e **através do site** é possível ter acesso a informação mais detalhada em três línguas (português, inglês e espanhol), com dicas para os viajantes sobre como encontrar ajuda ou quais são os seus direitos. Também vai ter divulgação nos rádios e televisões.

De acordo com a APAV, com base em dados do Instituto Nacional de Estatística (INE), Centro de Investigações Sociais e Empresariais (CISE) da Universidade Lusófona e Turismo de Portugal, o perfil do turista é masculino (59%), com idade entre os 25 e os 44 anos e com habilitações académicas de nível superior.

Do total de 903 milhões de turistas registados em 2007, 484,4 milhões são provenientes da Europa, com a Espanha a liderar, seguida do Reino Unido.



O PROJECTO 'MAY I HELP YOU' VISA APOIAR OS VISITANTES DE PASSAGEM POR PORTUGAL

Os turistas que visitem Portugal e sejam vítimas de um crime poderão recorrer à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) para apoio jurídico ou resolução de questões, como os procedimentos para cancelar cartões de crédito, através do

'May I Help You'. "Trata-se de alertar o turista e dar soluções e apoio, quando se é vítima de um crime de furto ou de dano de um carro alugado, para quando sair do território nacional ter uma sensação positiva", explicou João Lázaro, da APAV. ☺

Home » Informação » País

APAV lança campanha de sensibilização dirigida a turistas

Inserido em 04-08-2011 10:05



Iniciativa "May I Help You" — em português "Posso Ajudá-lo" — consiste num site da Internet com informações úteis em três línguas, e anúncios na rádio e televisão.

A Associação de Apoio à Vítima (APAV) lança hoje uma campanha de esclarecimento para os turistas que visitam o país, com informações úteis para quem é estrangeiro e é vítima de crime durante as férias.

A iniciativa arranca na Baixa lisboeta, mas será visível na rádio e nas televisões. JOão Lázaro, secretário-geral da APAV, afirma, contudo, que isto não significa que Portugal se tenha tornado um destino pouco seguro para os estrangeiros, mas que esta é uma "ajuda muito prática", na própria língua.

Segundo a associação, os crimes de que os turistas são mais frequentemente alvo são os crimes de oportunidade, como o vandalismo ou o roubo, mas também crimes de violência (como por exemplo, assaltos a carros, raptos ou violações) e os crimes de auto-vitimização (como compra de droga, recurso à prostituição ou desordem pública).

A campanha resulta do projecto "May I help you" (Posso ajudá-lo), que tem financiamento da Comissão Europeia, e [através do site](#) é possível ter acesso a informação mais detalhada em três línguas (português, inglês e espanhol), com dicas para os viajantes sobre como encontrar ajuda ou quais são os seus direitos. Também vai ter divulgação nos rádios e televisões.

De acordo com a APAV, com base em dados do Instituto Nacional de Estatística (INE), Centro de Investigações Sociais e Empresariais (CISE) da Universidade Lusófona e Turismo de Portugal, o perfil do turista é masculino (59%), com idade entre os 25 e os 44 anos e com habilitações académicas de nível superior.

Do total de 903 milhões de turistas registados em 2007, 484,4 milhões são provenientes da Europa, com a Espanha a liderar, seguida do Reino Unido.



Crime: APAV arranca hoje com campanha de sensibilização dirigida aos turistas

Autor:

Data de Publicação: Aug 3, 2011 1:31 PM
Última atualização: Aug 4, 2011 7:33 AM

Lisboa, 04 ago (Lusa) -- A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) arranca hoje com uma nova campanha de sensibilização especialmente dirigida aos turistas que visitam Portugal para que saibam o que fazer e onde recorrer caso sejam vítimas de um crime.

Em declarações à agência Lusa, o vice-presidente da APAV adiantou que a apresentação da campanha vai ser feita através de uma ação na rua Augusta, em Lisboa, onde será distribuída aos turistas e transeuntes que por ali passem informação sobre apoio às vítimas.

"Trata-se de alertar o turista para a prevenção que deve ter, mas também procurar dar uma resposta e apoio, uma solução quando é vítima de um crime de furto, por exemplo, de uma carteira ou quando é vítima de um dano de um carro que foi alugado e foi vandalizado para quando sair do território nacional ter uma sensação e uma resposta positiva ao mal que lhe aconteceu", explicou João Lázaro.

© Impresa, Lisboa, Portugal

NACIONAL



Crime

04-08-2011 10:05:09

APAV lança campanha de sensibilização dirigida a turistas

Iniciativa "May I Help You" — em português "Posso Ajudá-lo" — consiste num site da Internet com informações úteis em três línguas, e anúncios na rádio e televisão.

A Associação de Apoio à Vítima (APAV) lança hoje uma campanha de esclarecimento para os turistas que visitam o país, com informações úteis para quem é estrangeiro e é vítima de crime durante as férias.

A iniciativa arranca na Baixa lisboeta, mas será visível na rádio e nas televisões. João Lázaro, secretário-geral da APAV, afirma, contudo, que isto não significa que Portugal se tenha tornado um destino pouco seguro para os estrangeiros, mas que esta é uma "ajuda muito prática", na própria língua.

Segundo a associação, os crimes de que os turistas são mais frequentemente alvo são os crimes de oportunidade, como o vandalismo ou o roubo, mas também crimes de violência (como por exemplo, assaltos a carros, raptos ou violações) e os crimes de auto-vitimização (como compra de droga, recurso à prostituição ou desordem pública).

A campanha resulta do projecto "May I help you" (Posso ajudá-lo), que tem financiamento da Comissão Europeia, e **através do site** é possível ter acesso a informação mais detalhada em três línguas (português, inglês e espanhol), com dicas para os viajantes sobre como encontrar ajuda ou quais são os seus direitos. Também vai ter divulgação nos rádios e televisões.

De acordo com a APAV, com base em dados do Instituto Nacional de Estatística (INE), Centro de Investigações Sociais e Empresariais (CISE) da Universidade Lusófona e Turismo de Portugal, o perfil do turista é masculino (59%), com idade entre os 25 e os 44 anos e com habilitações académicas de nível superior.

Do total de 903 milhões de turistas registados em 2007, 484,4 milhões são provenientes da Europa, com a Espanha a liderar, seguida do Reino Unido.

SOCIEDADE

Ler a última notícia



Turistas pouco sensíveis ao crime em Portugal

Nova campanha de rua informa como prevenir e agir em situações de perigo

Por: Redacção / IPL | 4-8-2011 17:42

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) foi à rua e distribuiu nesta quinta-feira diversas informações a turistas. A campanha de rua foi feita na Baixa de Lisboa e um folheto fornece contactos das autoridades policiais, das embaixadas, e conselhos para prevenir alguns crimes cometidos a turistas.

Na Rua Augusta os turistas que passaram nem sempre foram receptivos à abordagem da APAV, e muitos deles nem aceitaram receber a informação. Segundo a Lusa, os turistas que receberam o folheto informativo limitaram-se a ouvir as explicações, limitando-se a agradecer, mas sem grande entusiasmo à iniciativa.

O documento distribuído fornece sugestões para os viajantes, informações práticas, contactos úteis, e mesmo informações sobre o código penal português.

Joana Ruivo, da APAV, explicou que o objectivo desta acção é de «sensibilizar os turistas para a possibilidade de serem vítimas de crime, apesar de Portugal ser um país de brandos costumes».

O folheto informativo faz «um apanhado das principais informações que os turistas necessitam. É um guia prático» acrescentou.

Se o turista for vítima de crime em Portugal a associação aconselha apresentar queixa às autoridades policiais e solicitar apoio à APAV ou às embaixadas. Joana Ruivo salienta ainda que a associação pode também ajudar as vítimas com refeições, produtos de higiene ou mesmo algum dinheiro para necessidades básicas.

Os crimes mais frequentes a turistas são crimes de oportunidade, como o vandalismo ou o roubo, mas também crimes de violência (como assaltos a carros, raptos ou violações) e os crimes de auto-vitimização (como compra de droga, recurso à prostituição ou desordem pública).

Esta campanha de rua resulta do projecto «May I help you» (Posso ajudá-lo), com o financiamento da Comissão Europeia.

A acção de rua não ficará por aqui. Prossegue em anúncios de televisão, rádio, imprensa e internet.

Sexta-feira, 5 Ago

FARMÁCIAS: Lisboa - Farmácia Alcádis

TRÂNSITO: Lisboa

Praça de Londres

TEMPO: Lisboa

min: 19°C | máx: 26°C

VISÃO

Faça aqui o seu [login / registo](#)

Google Pesquisa Personalizada

RSS

Newsletter

Facebook



[Início](#) [Notícias](#) [Caravana](#) [Opinião](#) [VISÃO Verde](#) [VISÃO7](#) [Viagens](#) [Jornal Letras](#) [Cinema](#) [Blogs](#) [Júnior](#) [Assine Já](#)

[Últimas](#) [Portugal](#) [Eleições 2011](#) [Futebol](#) [Mundo](#) [Economia](#) [Sociedade](#) [Cultura](#) [VISÃO Se7e](#)

Convite aos Leitores: [Deixe aqui a sua Opinião](#)

A a Z

Iniciativas

[Ricardo Araújo Pereira](#)

[António Lobo Antunes](#)

[Espiral do Tempo](#)

[Investimentos](#)

[Loja](#)

[Página inicial](#) > [Última Hora Lusa](#) > [Crime: APAV arranca hoje com campanha de ...](#)

Crime: APAV arranca hoje com campanha de sensibilização dirigida aos turistas

Lusa - Esta notícia foi escrita nos termos do Acordo Ortográfico

6:32 Quinta-feira, 4 de Ago de 2011

Lisboa, 04 ago (Lusa) -- A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) arranca hoje com uma nova campanha de sensibilização especialmente dirigida aos turistas que visitam Portugal para que saibam o que fazer e onde recorrer caso sejam vítimas de um crime.

Em declarações à agência Lusa, o vice-presidente da APAV adiantou que a apresentação da campanha vai ser feita através de uma ação na rua Augusta, em Lisboa, onde será distribuída aos turistas e transeuntes que por ali passem informação sobre apoio às vítimas.

"Trata-se de alertar o turista para a prevenção que deve ter, mas também procurar dar uma resposta e apoio, uma solução quando é vítima de um crime de furto, por exemplo, de uma carteira ou quando é vítima de um dano de um carro que foi alugado e foi vandalizado para quando sair do território nacional ter uma sensação e uma resposta positiva ao mal que lhe aconteceu", explicou João Lázaro.

APAV inicia campanha de sensibilização dirigida aos turistas

Quinta, 04 Agosto 2011 09:04

Informar os turistas de como devem proceder caso sejam vítimas de um crime no nosso país é o objetivo da campanha.

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) inicia esta quinta-feira uma nova campanha de sensibilização para que os turistas que visitam o nosso país saibam onde recorrer caso sejam vítimas de um crime.

O lançamento da campanha será feito através de uma ação na rua Augusta, em Lisboa, com a distribuição de informações relativas ao projeto. "Trata-se de alertar o turista para a prevenção que deve ter, mas também procurar dar uma resposta e apoio, uma solução quando é vítima de um crime de furto, por exemplo, de uma carteira ou quando é vítima de um dano de um carro que foi alugado e vandalizado para quando sair do território nacional ter uma sensação e uma resposta positiva ao mal que lhe aconteceu", explicou o vice-presidente da APAV, João Lázaro.

De acordo com a APAV, com base em dados do Instituto Nacional de Estatística (INE), Centro de Investigações Sociais e Empresariais (CISE) da Universidade Lusófona e Turismo de Portugal, o perfil do turista é masculino (59 por cento), com idade entre os 25 e os 44 anos e com habilitações académicas de nível superior. Dos 903 milhões de turistas registados em 2007 pelo INE, 484,4 milhões são provenientes da Europa, com a Espanha a liderar (59 por cento), seguida do Reino Unido (10 por cento), França (8 por cento) e Alemanha (5 por cento). O Algarve é a zona do país mais procurada (42,4 por cento), seguida por Lisboa e Vale do Tejo (25,7 por cento), região da Madeira (19,4 por cento) e Norte (6,6 por cento). Os crimes que mais afetam os turistas são os de oportunidade, como vandalismo ou roubo, e também de violência (assaltos a carros, raptos ou violações).



[fb](#) [p](#) [e](#)



04-08-2011

Tiragem: 6500

País: Portugal

Period.: Semanal

Âmbito: Regional

Pág: 8

Cores: Cor

Área: 8,54 x 4,78 cm²

Corte: 1 de 1



•APAV apoia turistas vítimas de crime

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima lança hoje uma campanha de sensibilização e reforço do apoio a turistas vítimas de crime.

A campanha, que terá maior visibilidade durante o mês de Agosto, terá expressão através de diversos materiais, como spots TV, spots rádio, cartazes, imprensa e internet, e como base o site helptouristvictims.org, onde se encontra informação mais completa, disponível em três línguas (português, inglês e espanhol), sobre a temática, nomeadamente dicas para viajantes como onde pedir ajuda ou quais os seus direitos.



Campanha APAV para turistas

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) arrancou ontem com uma nova campanha de sensibilização especialmente dirigida aos turistas que visitam Portugal para que saibam o que fazer e onde recorrer caso sejam vítimas de um crime.



Carteiristas atacam turistas sobretudo nos eléctricos

PSP

Carteiristas preferem turistas nos eléctricos

As estatísticas da PSP a que o DN teve acesso revelam que de Janeiro a Abril, na Grande Lisboa, se registaram 3766 ocorrências de furto e roubos a pessoas. Um dos transportes mais usados por turistas em Lisboa, são os eléctricos. A PSP, no primeiro quadrimestre deste ano, deteve 22 carteiristas no eléctrico 15, e 12 no eléctrico 28. No ano passado, no eléctrico 15 foram detidos oito carteiristas e nenhum no 28. Em 2009 registaram-se 8848 episódios de furto em Lisboa: dos 78 ladrões detidos, 24 foram no eléctrico 15 e 11 no 28.

Turistas vítimas de crime vão ter apoio da APAV

Campanha. Até uma bolsa de tradutores a associação criou para ajudar estrangeiros. Furtos são o crime principal que atinge visitantes

RUTE COELHO

Os turistas vítimas de furto ou roubo em Lisboa dirigem-se à esquadra de turismo da PSP, na Baixa, e, desprovidos de dinheiro e cartões de crédito, "acabam muitas vezes por ser ajudados pelos agentes, que pagam do seu bolso despesas básicas que as vítimas tenham de fazer". Joana Ruivo, da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), descreveu a situação típica e garantiu ao DN que, a partir de agora, a APAV pode reforçar o apoio dado aos turistas vítimas de todo o tipo de crimes em várias frentes.

"Temos uma bolsa para salvar guardar pequenas despesas em géneros como roupas ou alimen-

tação que os turistas vitimados precisem. Podem, inclusive, fazer telefonemas para as embaixadas ou para as famílias nos seus países de origem", referiu Joana Ruivo.

Ao dispor do cidadão estrangeiro que foi vítima de um crime está também "uma bolsa de tradutores", uma "vasta equipa de psicólogos e juristas" da associação.

Quando os tradutores da APAV não dominam um idioma, como sucede com o japonês, por exemplo, "o turista poderá recorrer à linha de tradução da SOS Imigrante, do Alto-Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural".

A APAV já tinha experiência no atendimento a algumas vítimas estrangeiras de crimes em Lisboa, através da sua Unidade de Apoio à Vítima Imigrante.

Os estrangeiros que já receberam ajuda da associação queixaram-se "sobretudo de furtos e roubos nos transportes públicos", como referiu Joana Ruivo, mas também, em muito menor escala, de "violações e tentativas de homicídio".

A APAV iniciou ontem a divulgação desta nova campanha de sensibilização e reforço de apoio a turistas vítimas de crime, com a distribuição de materiais de apoio à tarde, na Rua Augusta, em Lisboa.

A campanha terá expressão em anúncios nos meios de comunicação social convencionais e na Internet e os materiais têm por base o [site help.touristvictims.org](http://sitehelp.touristvictims.org), onde constam dicas para viajantes, os direitos que têm e os apoios que encontram.

CAMPANHA**Turistas recebem
alertas para crimes**

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima arrancou ontem com a nova acção de sensibilização destinada a turistas que visitam Portugal, para que saibam o que fazer caso sejam vítimas de um crime. A brochura conta com vários contactos, entre eles, os de embaixadas.

PSP investiga violência entre ex-deputado e o marido

Acusação. Polícia recebeu queixa de violência doméstica no dia 12 de Julho às sete da manhã. Jorge Nuno de Sá é casado desde Janeiro, mas atravessa uma fase de separação

FILIPA AMBRÓSIO DE SOUSA

No dia 12 de Julho, por volta das sete da manhã, a Esquadra de Benfca da PSP recebeu um pedido de ajuda. Carlos Eduardo Maceno de Sá, venezuelano de 25 anos, tinha sido alegadamente agredido pelo marido, Jorge Nuno de Sá, ex-deputado do PSD, com quem se casou a 31 de Janeiro deste ano.

"Tínhamos acabado de entrar ao serviço, pouco antes das sete da manhã, recebemos a chamada e fomos logo lá", adianta ao DN fonte da esquadra de Benfca da PSP, para onde foi feita a chamada.

O ambiente na residência do casal estava calmo, apesar do jovem massagista apresentar "escoriações no pescoço e dizer que o marido o tinha tentado asfixiar". Porém, a mesma fonte garantiu ao DN que o marido do antigo presidente da JSD encontrava-se "embriagado".

Contactado pelo DN, o social democrata – actualmente coordenador para a educação na Junta de Freguesia de Alcântara, em Lisboa – negou as acusações.

"Não falo da minha vida privada, mas nunca agredi ninguém." "Estava-se mesmo a ver que isto ia acontecer porque alguém está a querer destruir a minha vida", acrescentou o Jorge Nuno de Sá, de 35 anos.

Carlos Maceno, de 25 anos, não quis igualmente comentar o assunto, mas adiantou ao DN que está separado do marido. "Depois da agressão, que incluiu levar na cabeça com um computador e um telemóvel, o jovem venezuelano saiu de casa

bastante perturbado.

Em causa estava uma típica cena de ciúmes", refere fonte da Polícia de Segurança Pública. "Mas o jovem não quis ir ao hospital, apesar das agressões", concluiu a mesma fonte policial.

Números de agressões subiram A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) garante que as queixas de agressões entre casais homossexuais aumentaram nos últimos dois anos.

"Estudos desenvolvidos em Portugal reforçam que a violência entre casais do mesmo sexo é tão frequente como a violência em relacionamentos entre pessoas de sexo diferente", refere João Lázaro, vice-presidente da APAV. "O que acontece muitas vezes é que as ameaças feitas são diferentes", sublinha.

"Por exemplo, se um parceiro ainda não revelou a sua homossexualidade no seio da sua família, o agressor usa a ameaça de o denunciar como forma de intimidação da vítima", sublinha o dirigente da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima.

"Mas este tipo de violência é tratado pela APAV de forma igual", acrescenta Daniel Cotrim, técnico da mesma associação (ver 7 Perguntas a...).

Ainda assim, a vítima de maus tratos entre casais homossexuais pode ser mais vulnerável.

"O receio do estigma na procura de ajuda e experiências anteriores de discriminação de pedidos de ajuda sem sucesso, pode levá-las a aumentar o seu isolamento e sua vulnerabilidade", concluiu João Lázaro.

Desde que o casamento gay foi



Nas suas campanhas, Jorge Nuno de Sá sempre defendeu temas polémicos para a sociedade

legalizado em Portugal – em Maio de 2010 –, celebraram-se 440 casamentos entre pessoas do mesmo sexo por todo o País.

Sendo que só em Lisboa foram celebrados 136 casamentos nas três conservatórias existentes. E no Porto realizaram-se 32 cerimónias. A maior parte destes ca-

samentos foram entre homens.

Deste valor total, o Ministério da Justiça avançou ao DN que já foram registados cinco divórcios: três de casais do sexo masculino – Lisboa, Montemor-o-Novo e Almada – e dois do sexo feminino, no Montijo e em Velas.

Jorge Nuno de Sá, nascido em

Viana do Castelo há 35 anos, eleito na anterior legislatura pelo PSD, defendeu temas tradicionalmente mais ligados à esquerda, como a despenalização do aborto, salas de chuto nas cadeias ou a prescrição médica da canábica. Com ELISABETE SILVA e SÓNIA SIMÕES

Registo de queixas pela APAV não distingue orientação sexual

APAV A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) não faz distinção entre as queixas de violência doméstica de casais heterossexuais ou homossexuais. Não o faz, nem nunca o fez, como explicou ao DN Daniel Cotrim, técnico da associação. "Seria inconstitucional e uma forma de discriminação", salientou, acrescentando que, por isso, não sabe se são mais os homens ou as mulheres homossexuais a fazer denúncias. "Sabemos que são mais mulheres (no geral), mas não diferenciamos pela escolha sexual."

O que Daniel Cotrim salienta é que "a própria lei não discrimina" as vítimas de violência doméstica por serem homossexuais ou heterossexuais, considerando que tal foi um grande avanço para o trata-

mento destas vítimas, especialmente para estas denunciarem os casos.

O técnico da APAV explica que esta associação, juntamente com outras, tem feito desde há quatro anos campanhas de sensibilização para que as vítimas homossexuais sejam tratadas como qualquer outra, para não sentirem vergonha. No entanto, justifica o facto das maiores campanhas serem dirigidas a casais heterossexuais, pois "do ponto de vista demográfico é mais relevante".

"Mas temos trabalhado junto das autoridades, por exemplo, para as sensibilizar, para que as vítimas de violência doméstica homossexuais não sintam vergonha em denunciar", diz.

Segundo os dados estatísticos

da APAV, em 2010 a associação assinalou 13 866 casos de violência doméstica, o que se traduz em 81,7% do total dos factos criminosos patentes no documento.

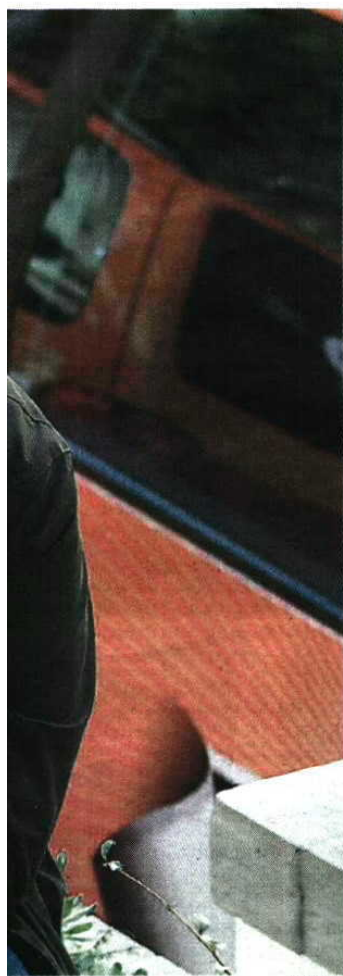
Cinco divórcios em ano e meio

Desde que o casamento gay foi legalizado em Portugal, em Janeiro de 2010, foram registados cinco divórcios, num universo de 440 matrimónios. O Ministério da Justiça avançou ao DN que três foram masculinos (em Lisboa, Montemor-o-Novo e Almada) e dois femininos (Montijo e Velas).

Quanto aos casamentos, dos 440 realizados no País, a maioria tiveram lugar em Lisboa: 135 (104 masculinos e 31 femininos). Segue-se o Porto, com 31 matrimónios nas conservatórias.



Carlos Maceno tem 25 anos



ARQUIVO CCI

Ex-JSD fez-se notar ao não apoiar Cavaco

REBELDE O ex-deputado social-democrata, líder da JSD de 2002 a 2005, fez-se notar quando decidiu não apoiar a recandidatura de Cavaco Silva à presidência da República. Mas o choque é anterior e vem do tempo em que Jorge Nuno de Sá era líder da Jota e foi contra o programa cavaquista: fez campanha pela despenalização do aborto – contra o programa do actual PR –, pediu um debate sobre a criação de salas de chuto nas cadeias e ainda quis debater a prescrição médica da canábis, temas habitualmente associados aos partidos mais à esquerda.

Estas duas causas valeram-lhe críticas internas sobre o afastamento da realidade dos jovens e foi acusado de, em dois anos de mandato, nunca ter tido a noção de quais eram os problemas que realmente afectavam os jovens portugueses.

Durante o seu mandato como deputado, eleito por Viana do Castelo (primeiro ao lado de Durão Barroso e depois com Santana Lopes), Jorge Nuno de Sá apresentou diversas iniciativas na Assembleia da República ligadas a temas como educação sexual e o fim do serviço militar obrigatório.

7 PERGUNTAS A...

“A violência entre casais ‘gays’ tem aumentado”



DANIEL
COTRIM
APAV

O que diferencia a violência doméstica entre gays e entre casais heterossexuais?

Muito honestamente, muito pouco distingue estes dois tipos de violência doméstica. A dinâmica dos actos violentos entre casais é semelhante, independentemente do género.

Mas o tipo de ameaça é igual?

Qualquer tipo de violência doméstica é baseada na ameaça. Mas nestes casos, esta pode passar por contar à família a opção sexual do companheiro.

Os homossexuais estão mais vulneráveis do que outras vítimas?

Não nos parece que estejam mais vulneráveis. Podem é ter esta questão da ameaça do agressor, de o denunciar e contar à família.

Mas devido ao estigma e à discriminação que são alvo, podem ter um maior receio em fazer uma denúncia?

A sociedade está mais preparada para a violência doméstica em heterossexuais. No entanto, tem havido um esforço para a sensibilização junto das autoridades, por exemplo, para que quem denuncie não sinta vergonha.

A vergonha pode desencorajar?

É um factor que pesa na tomada de decisão. Depois da denúncia, pensam nas vezes que vão ter de se expor por isso [no seguimento do processo de denúncia].

Tem havido aumento de queixas?

Sim. Nos últimos dois anos, têm aumentado o número de queixas de violência doméstica. A sociedade está mais atenta a este fenómeno e as pessoas mais sensibilizadas para a violência entre homossexuais. E a lei não ignora estas situações porque trata por igual este tipo de maus tratos.

A APAV não especifica violência entre gays?

Não. Até porque isso seria inconstitucional, seria uma forma de discriminação. Mas que tem vindo a aumentar, tem. Mas não temos autonomizado em função do género.

Polícias recebem formação sobre maus tratos 'gay'

Queixas. Código Penal não faz distinção entre sexos no crime de violência doméstica

FILIPA AMBRÓSIO DE SOUSA

A Polícia de Segurança Pública (PSP) está a receber formação para lidar melhor com situações de violência doméstica entre casais do mesmo sexo. Como o caso que o DN noticiou ontem entre o ex-deputado do PSD, Jorge Nuno de Sá, de 35 anos, e o seu marido, Carlos Macena de Sá, de 25 anos, que culminou na queixa feita pelo jovem venezuelano a 12 de Julho na PSP de Benfica. Situação que está em fase de investigação.

Segundo o que Paulo Rodrigues, presidente da Associação Sindical dos Profissionais de Polícia (ASPP), explicou ao DN, "assinámos protocolos com o Instituto Nacional de Medicina Legal para dar formação e responder a questões relativas à igualdade de género aos agentes". "E aí surgiram

muitas dúvidas relativas a casos de violência doméstica", adiantou Paulo Rodrigues, "porque se nota que a polícia está mais atenta e sensibilizada para este tipo de crime".

Mas ao lidar com as situações do dia-a-dia, segundo a mesma fonte garantiu ao DN, os agentes da PSP "não tratam os casos de violência doméstica entre *gays* de forma diferente".

Não existem estatísticas – quer na PSP, quer no Ministério Público – que especifiquem quais são os crimes de maus tratos entre casais do mesmo sexo ou entre casais heterossexuais. A própria lei não autonomiza o crime entre casais *gays*.

O artigo 152.º do Código Penal explica que "quem infligir maus tratos físicos ou psíquicos [...] a pessoa do outro ou do mesmo sexo com quem tenha mantido ou



PSP ajuda agentes a lidar melhor com este tipo de maus tratos

mantenha uma relação análoga à dos cônjuges, ainda que sem coabitação, pode ser punido com pena de prisão de um a cinco anos", pode ler-se na lei.

Ainda assim, a Associação Sindical de Juízes, há uns anos, considerou que não poderia haver crime de violência doméstica quando o casal é composto por

duas pessoas do mesmo sexo (*ver caixa*).

Também a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), que recebe diariamente queixas de vítimas deste tipo de crime, não faz diferenciação. "Porque isso seria inconstitucional", refere Daniel Cotrim, técnico da APAV. "Só nos apercebemos que temos tido

JUÍZES

Parecer recusa violência doméstica

► A Associação Sindical de Juízes considerou que não pode haver crime de violência doméstica quando o casal é composto por pessoas do mesmo sexo. Por não existir uma "relação de superioridade física do agente em relação à vítima" nesses casos, e porque assim se antecipa a "tutela penal à tutela civil" deste tipo de relacionamento. O parecer foi assinado por Pedro Albergaria e Mouraz Lopes. "Fazer entrar pela janela aquilo que não entrou pela porta." É assim que Albergaria sintetiza o que pensa da inclusão dos casais do mesmo sexo nos casos em que se pode verificar o crime de violência doméstica.

mais queixas da violência doméstica entre *gays*, mas a diferença é muito pouca." "Hoje as coisas são diferentes: os polícias estão mais preparados para compreender estas situações e não há qualquer tipo de discriminação", sublinha Paulo Rodrigues. "O que não aconteceria há uns 15 anos: mudou da água para o vinho", conclui.



Agressões: Ex-deputado social-democrata acusado de agredir marido

Violência gay destrói vida política

Jorge Nuno de Sá foi o primeiro político português a celebrar um casamento homossexual e agora vê o seu percurso prejudicado por uma alegada agressão ao seu marido, o venezuelano Carlos Eduardo Yanez Marcano de Sá.

Para o ex-deputado do PSD, de 33 anos, que se casou em Janeiro passado, trata-se de uma tentativa de destruir o seu nome numa altura em que terá sido convidado para um cargo público. Em causa está a denúncia de Carlos Marcano de Sá, de 25 anos, à PSP de Benfica, no passado dia 12 de Junho, segundo a qual Jorge Nuno de Sá o terá tentado asfixiar.

“Não falo sobre a minha vida privada. Nunca agredi ninguém”, afirmou ao CM o antigo líder da Juventude Social-Democrata, garantindo não ter sido “notificado por nada, nem por ninguém,

desde que a queixa foi apresentada”.

A revelação deste caso provoca alguma estranheza em Jorge Nuno de Sá, funcionário da Freguesia de Alcântara, até porque a queixa às autoridades aconteceu há cerca de um mês. Sabe o CM que o social-democrata teria sido convidado nesta semana para um cargo público, convite que foi entretanto recusado. “Isto é um exemplo de como se destrói ou tenta destruir o nome de uma pessoa. Há aqui demasiadas coincidências em todo este processo”, acrescentou o ex-deputado do PSD.

Neste momento, o casal

enfrenta um processo de divórcio litigioso. Jorge Nuno de Sá e Carlos Marcano de Sá conheceram-se em Cuba, num momento complicado na vida de ambos. Os dois acompanhavam familiares a recuperar de doenças prolongadas. Mais tarde, Carlos muda-se para Portugal, acabando por casar com Jorge em Janeiro deste ano. Aquando da cerimónia, Carlos assume o sobrenome Sá, do ex-deputado.

Estatística para casais gays

As associações LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais

e Transgénero) defendem que o registo das queixas de violência doméstica façam a distinção entre casais hetero e homossexuais. A APAV não o faz e, segundo Daniel Cotrim, técnico da associação, até será inconstitucional. “Sem conhecer a dimensão do fenómeno, não podemos direccionar as campanhas de sensibilização”, disse ao CM Paulo Côrte-Real, da associação ILGA. A Opus Gay já tem projectos para a área da estatística.

Teresa e Helena foram pioneiras

Teresa Pires e Helena Paixão foram as primeiras pessoas do mesmo sexo a casarem em Portugal. Em Junho de 2010, deram o nó



Carlos Marcano de Sá e Jorge Nuno de Sá (dir.) casaram em Janeiro deste ano

na Conservatória do Registo Civil em Lisboa. Cada uma tem uma filha de relações anteriores.

Cinco casais já se divorciaram

Desde a entrada em vigor da lei que permite o casamento homossexual, em Junho de 2010, o Ministério da Justiça registou cinco divórcios entre pessoas do mesmo sexo. Destes, três foram de casamentos entre homens - Lisboa, Almada e Montemor-o-Novo - e dois de casamentos entre mulheres: Montijo e Velas (Açores). No total foram realizados 440 casamentos homossexuais, dos quais 308 masculinos e 132 femininos. Lisboa é a cidade onde se

realizaram mais casamentos entre pessoas do mesmo sexo.

O processo de aprovação da lei que permite o casamento homossexual não foi pacífico. Este foi, aliás, um dos pontos de discórdia entre o ex-primeiro-ministro José Sócrates e o Presidente da República, Cavaco Silva. No momento da promulgação, Cavaco declarou ao País que era mais importante “promover a união dos portugueses e não dividi-los”. A pedido do Presidente, o documento passou pelo Tribunal Constitucional, que aprovou o texto. “Não devo contribuir para arrastar este debate”, afirmou Cavaco.

Correio da Manhã

**tema do dia**

Maus tratos sobre idosos aumentam em Coimbr

Crise faz cr sobre os m

Chantagem financeira, burlas ou utili:
contra a terceira idade, geralmente pi

●●● Agredidos, abandonados pelos próprios filhos, subornados, esquecidos pela sociedade. É esta a realidade de muitos idosos em Portugal. Uma realidade que não está, infelizmente, longe de cada um de nós: em Coimbra, só no ano passado, o gabinete de Coimbra da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) assinalou 24 processos de apoio a pessoas idosas vítimas de crime e de violência. A nível nacional foram registados 610 casos.

Estes números escondem, no entanto, uma outra verdade: os casos de abandono nos hospitais ou em lares, que aumentam em períodos festivos – como é o caso do Natal ou das férias.

Estes são os velhos de um país em que a crise parece justificar quase tudo.

“Em tempo de dificuldades, pode haver uma tendência de fazer exploração financeira sobre o mais velho”, diz ao DIÁRIO AS BEIRAS o gerontopsiquiatra Horácio Firmino. Os casos de burla são dados a conhecer pelos órgãos de comunicação social. Mas existem outros, mais perversos e preocupantes: “a chantagem financeira, a utilização indevida dos recursos de um idoso são algumas das formas de violência financeira contra a terceira idade e geralmente praticados pelos familiares”, afirma o especialista.

“Existem pessoas que demonstram disponibilidade para cuidar do idoso com esse intuito. Mas há também quem não tenha escrúpulos, exercendo coação sobre o idoso, de modo a satisfazer os seus próprios caprichos e não necessidades”, acusa o gerontopsiquiatra, que integra a Associação Europeia de Psiquiatria Geriátrica.

Esta realidade não é, aliás, desconhecida da APAV. De acordo com Raquel Simões, psicóloga e assessora do gabinete de Coimbra, “a violência financeira é a mais calada das violências. Os idosos ficam mais vulneráveis e não denunciam os próprios cuidadores. Alguns sentem vergonha. Outros, medo de represálias”, salientou.

**Aumento de 120 por cento
do número de casos em nove anos**
A violência contra idosos está





ora

escer violência financeira ais velhos

zação indevida dos recursos de um idoso são algumas das formas de violência financeira raticados pelos familiares. A estes, somam-se os casos de abandono

a crescer ou, pelo menos, há mais denúncias que são, apenas, a ponta do icebergue. São vários os estudos que confirmam estes dados: além da APAV, um relatório da Organização Mundial de Saúde (OMS), divulgado recentemente, refere que 39 por cento da população idosa portuguesa é alvo de violência.

De acordo com a APAV, entre 2000 e 2009 verificou-se, em Portugal, um aumento de 120 por cento do número de casos de pessoas idosas vítimas de crime (mais 349 casos).

São casos, não só de maus tratos psicológicos, mas de violência física ou abusos sexuais. Horácio Firmino lembra que só as situações de abusos físicos são reportadas. "É uma problemática ampla. Devemos ter sempre atenção quando surge um idoso vestido com camisolões e roupas que servem para esconder qualquer coisa", alerta.

Relações familiares mais ausentes, fruto, também de uma sociedade cada vez mais individualizada. Para Manuel Teixeira Veríssimo, regente da cadeira de Geriatria na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, os idosos de hoje não foram preparados para serem idosos. Tão pouco, está preparada a sociedade para cuidar deles. "Não nos preparámos para este aumento brusco do número de pessoas idosas". Ainda assim, o especialista acredita que a violência sobre os mais velhos tem vindo a aumentar também porque tem havido mais queixas e mais casos diagnosticados. E, depois, a crise. Sempre a crise a "justificar" a "violência psíquica ou moral", a chantagem financeira.

Sós e abandonados em lares e hospitais

Aos casos de maus tratos, somam-se os de abandono. Em muitas circunstâncias, quando é da velhice que se trata, a indiferença e o abandono são os que mais danos causam. Não haverá pior solidão do que ser

deixado num hospital.

"Há casos reais, mas as pessoas devem saber que a lei diz que os descendentes (ou ascendentes) são responsáveis por aquela pessoa. Existe uma responsabilidade civil. Hoje fala-se muito de direitos e esquecem-se os deveres", lamenta Horácio Firmino.

Noutros casos existe "uma grande pressão" para o encaminamento dos doentes para as unidades de convalescença ou de média e longa duração da Rede Nacional de Cuidados Continuados Integrados (RNCCI), cuja resposta é, ainda, insuficiente.

Que respostas?

"Este país tem velhos, cada vez mais velhos, muitos velhos, mas ainda não tem condições para tratar dos velhos com boa qualidade", diz Teixeira Veríssimo.

Uma intervenção alargada, em rede, com especial atenção aos cuidados primários mais próximos dos idosos - é, para Horácio Firmino, um passo a dar na prevenção de situações de violência. Mas há muitos mais na área da gerontologia.

A este propósito, o padre Lino Maia, presidente da Confederação Nacional das Instituições de Solidariedade, comparou, recentemente, o abandono dos idosos "aos gatos que, quando pressentem a morte, evitam os afetos humanos".

"É o falhanço da família e da vizinhança. É o primado dos números e do ter. É a desvalorização do ser e do estar. É a inversão e a perda dos valores. A solidão pode ser opção de vida, mas certamente não é opção para a morte", referiu.

Numa sociedade que privilegia o imediato e o acessório, importa lembrar que amanhã seremos nós. E ninguém querará ser uma pessoa velha abandonada, lançada perante o facto da sua morte irremediável.

Patrícia Cruz Almeida
patricia.almeida@asbeiras.pt

números

86%

das vítimas de violência sobre idosos foram do sexo feminino

74%

dos casos registados pela APAV foram crimes de violência doméstica

35%

dos casos registados em que a vítima é pai ou a mãe

palavra de especialista



Teixeira Veríssimo
Prof. de Geriatria



P. Lino Maia

"Este país tem velhos, cada vez mais velhos, muitos velhos, mas ainda não tem condições para tratar dos velhos com boa qualidade"

"É o falhanço da família e da vizinhança. É o primado dos números e do ter. É a desvalorização do ser e do estar. É a inversão e a perda dos valores"



A nível nacional, registaram-se 610 processos de apoio pela APAV

Coimbra com 24 processos de apoio a idosos em 2010

●●● Só no ano passado, o gabinete de Coimbra da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) assinalou 24 processos de apoio a pessoas idosas vítimas de crime e de violência.

A nível nacional, registaram-se 610 processos de apoio a pessoas idosas vítimas de crime e de violência assinaladas: cerca de 86 por cento eram do sexo feminino e situavam-se, em termos de faixa etária, entre os 65 e os 75 anos de idade (53,3 por cento).

O contacto estabelecido com a APAV foi efetuado, em 38 por cento das situações, pelo próprio utente, embora seja relevante frisar os contactos feitos por familiares (30,9 por cento).

O crime de violência doméstica foi sinalizado em 74 por cento das situações apresentadas pelas pessoas idosas que recorreram à APAV em 2010. Das restantes categorias, a segunda mais relevante foi a dos crimes contra as pessoas e a humanidade (21 por cento).

Lisboa, Porto e Setúbal no topo

De acordo com a distribuição geográfica da rede nacional de Gabinetes de Apoio à Vítima e Unidades Orgânicas da APAV, os distritos de residência das pessoas idosas vítimas de crime e de violência mais citadas são os distritos de Lisboa (21,5 por cento), Porto (9,6 por cento), e Setúbal (6,4

por cento).

No relatório referente a 2010, é possível afirmar que as relações familiares entre o autor do crime e a vítima são as situações mais comuns. Em termos relacionais assinalaram-se 35,1 por cento registos em que a vítima é pai ou mãe, seguindo-se a relação conjugal (28,4 por cento).

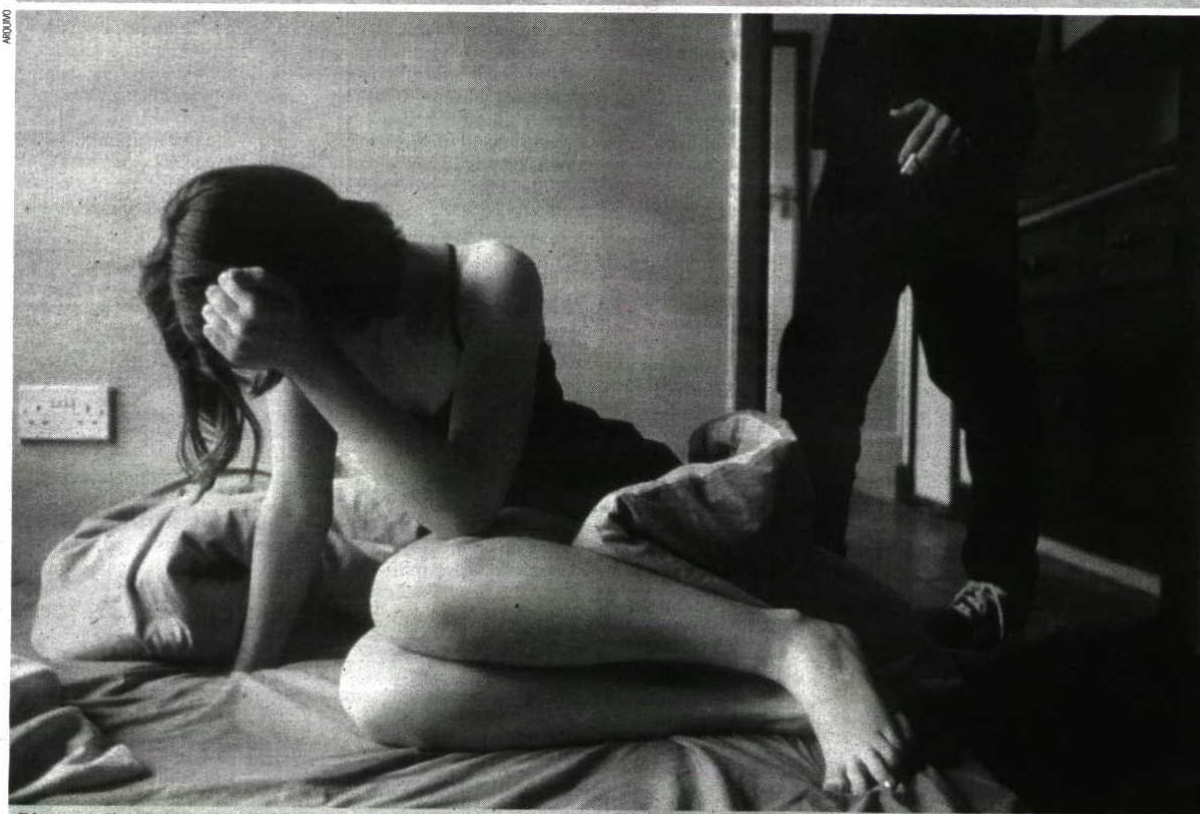
Vitimação reiterada do crime

Importa realçar que a vitimação continuada é uma característica em 71 por cento dos casos, sendo as situações pontuais (não continuadas) bastante residuais (sete por cento). Entende-se por vitimação continuada a vitimação reiterada no tempo de um dado crime.

Espelhando o tipo de vitimação continuada, a duração da mesma é de vários anos. Durante o ano de 2010, a APAV assinalou que a maioria das situações se prolongava por mais de dois anos (21,7 por cento).

Tendo em conta o grau relacional entre vítima e autor do crime, o facto de o local do crime mais assinalado ser a residência comum (56,3 por cento) não causa qualquer perplexidade.

O que potencia a violência é, também, o consumo de substâncias aditivas ou um historial de violência anterior. Mas há também, casos de disfuncionamento familiar. E de pobreza.



Ciúmes patológicos, sem qualquer fundamentação, estão presentes na maioria das relações abusivas e marcadas por episódios de violência doméstica

Estatísticas

43

CONDENADOS

Em 2009, foram condenadas 43 pessoas por homicídio conjugal (mais sete do que em 2008 e mais uma do que em 2007), segundo dados da Direção-Geral da Política de Justiça. Em 91% dos casos, eram homens.

1301

CRIMES

Foram condenados, em 2009, 1301 pessoas por crimes de violência doméstica e maus-tratos. Só por violência conjugal, há registo de 426 condenados, o que representa um grande crescimento face a 2008 (75) e 2007 (3).

5324

INQUÉRITOS

Só no primeiro semestre deste ano, a Procuradoria-Geral Distrital de Lisboa abriu 5324 processos para investigar alegados crimes de violência doméstica. É uma média de 30 por dia. Em igual período do ano passado, foram 778 inquéritos.

Motivações passionais em 41% dos homicídios de 2010

Ciúmes estão associados à maioria dos casos de violência doméstica, segundo a APAV

HELENA NORTE
helenan@jn.pt

O ciúme está associado à maioria dos crimes de violência doméstica, segundo a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). Embora não haja estatísticas específicas, calcula-se que 41% dos 142 homicídios cometidos em 2010 tenham motivação passional.

De acordo com o Relatório Anual de Segurança Interna (RA-SI), é de admitir que 41% dos 142 homicídios consumados em 2010 tenham uma causa passional. O que significa que, no ano passado, terão sido assassinadas 58 pessoas por questões afetivas. O RASI refere, ainda, que em 31% dos casos foi possível identificar uma relação familiar entre o agressor e a vítima.

A maioria dos pedidos de ajuda que chega à APAV de vítimas

de violência doméstica – só em 2010, foram relatados quase 14 mil casos – tem o ciúme como denominador comum, de acordo com Daniel Cotrim, assessor técnico daquela associação.

Não o vulgar ciúme. Trata-se de uma forma patológica de ciúme, de carácter delirante, já que não tem qualquer fundamentação, explica o responsável da APAV. Não está relacionado com o tipo de relação, mas com determinados traços de personalidade.

Daniel Cotrim explica que os portadores destes ciúmes delirantes têm a convicção de que estão sempre a ser traídos e nada os dissuade. Antes pelo contrário: em tudo encontram motivos para desconfiar. Como o marido de uma telefonista que a maltratava,

DOIS CASOS

Professor de Elvas assassinado no Rio de Janeiro

Rolando Palma, professor de Elvas, de 49 anos, que namorava com uma brasileira, foi anteon-tem assassinado no Rio de Janeiro. O autor-confesso do crime é o ex-marido da brasileira, que também foi atingida no tiroteio. Ao crime, registado na Barra da Tijuca, assistiu um menor de 13 anos, filho da brasileira e do suspeito, que escapou ileso. O alegado homicida terá sido motivado por ciúmes e nunca terá aceitado a separação.

Queria mandar matar ex-amante por 2000 euros

Uma doméstica de Gaia terá encomendado o homicídio de um homem, com quem manteve uma relação extraconjugal, a um cadastrado – que acabou por denunciá-la – a troco de mil euros e uma moto. Salvaguardada a segurança do alvo, as autoridades trataram de identificar a mulher, que apenas contactou o cadastrado por sms e mudou de telemóvel várias vezes. No sábado, foi detida e presente a tribunal.

acusando-a de passar o dia ao telefone a falar com os amantes.

Sendo a violência doméstica um crime motivado pelo poder – há um elemento mais forte que insulta, maltrata, agride e, em casos extremos mas não raros, mata –, o ciúme é uma manifestação desse desejo patológico de controlar o outro. Numa relação de poder assimétrica, todos os pretextos e cada oportunidade são aproveitados para ofender ou agredir.

Apesar dos avanços judiciais – as condenações por violência doméstica estão a aumentar –, o fenómeno está longe de ser controlado. Em 2010, 43 mulheres foram assassinadas por homens com quem tinham ou tiveram relações de intimidade. ■

Crise faz aumentar violência financeira sobre os idosos

ENCONTROU-SE



Os hospitais portugueses
estão cheios de idosos
abandonados pelas
suas famílias.

Divulgue esta mensagem
antes que esta
fotografia seja a sua.

www.apav.pt

Linha 707 20 00 77 (Dias úteis 10-13h / 14-17h30)

APAV
Associação Portuguesa de Apoio à Vítima

Chantagem financeira, burlas e abandono dos idosos são situações cada vez mais recorrentes. Em Coimbra, a APAV recebeu, em 2010, 24 queixas sobre casos de idosos vítimas de crime e de violência >Págs 4 e 5



ID: 36984366

12-08-2011

Associação Portuguesa de Apoio à Vítima lança campanha de sensibilização dirigida aos turistas

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) arrancou com uma nova campanha de sensibilização especialmente dirigida aos turistas que visitam Portugal para que saibam o que fazer e onde recorrer caso sejam vítimas de um crime.

A apresentação da campanha foi feita através de uma acção na rua Augusta, em Lisboa, onde foi distribuída aos turistas e transeuntes informação sobre apoio às vítimas.

“Trata-se de alertar o tu-

rista para a prevenção que deve ter, mas também procurar dar uma resposta e apoio, uma solução quando é vítima de um crime de furto, por exemplo, de uma carteira ou quando é vítima de um dano de um carro que foi alugado e foi vandalizado para quando sair do território nacional ter uma sensação e uma resposta positiva ao mal que lhe aconteceu”, explicou João Lázaro, vice-presidente da APAV.

De acordo com a APAV, com base em dados do Insti-

tuto Nacional de Estatística (INE), Centro de Investigações Sociais e Empresariais (CISE) da Universidade Lusófona e Turismo de Portugal, o perfil do turista é masculino (59 por cento), com idade entre os 25 e os 44 anos e com habilitações académicas de nível superior.

Do total de 903 milhões de turistas registados em 2007 pelo INE, 484,4 milhões são provenientes da Europa, com a Espanha a liderar (59 por cento), seguida do Reino Unido (10

por cento), França (8 por cento) e Alemanha (5 por cento).

O motivo da viagem a Portugal tem que ver maioritariamente (72,3 por cento) com lazer, recreio e férias, sendo o sol e o mar (37,8 por cento) o que mais atrai turistas ao país, logo seguido pelo ‘touring’ cultural e paisagístico (29,7 por cento).

O Algarve é a zona do país mais procurada (42,4 por cento), seguida por Lisboa e Vale do Tejo (25,7 por

cento), região da Madeira (19,4 por cento) e Norte (6,6 por cento).

Segundo a APAV, os crimes de que os turistas são mais frequentemente alvo são os crimes de oportunidade, como o vandalismo ou o roubo, mas também crimes de violência (como por exemplo, assaltos a carros, raptos ou violações) e os crimes de auto-vitimização (como compra de droga, recurso à prostituição ou desordem pública).

A campanha resulta do pro-

jecto “May i help you” (Posso ajudá-lo), que tem financiamento da Comissão Europeia, e através do site <http://www.helptouristvictims.org> é possível ter acesso a informação mais detalhada em três línguas (português, inglês e espanhol), com dicas para os viajantes sobre como encontrar ajuda ou quais são os seus direitos.

A campanha terá maior visibilidade durante o mês de Agosto e terá expressão tanto em televisão, como rádio, na imprensa e na internet.

Casos de violência doméstica dispararam no mês de agosto



O Gabinete de Apoio à Vítima de Coimbra registou, no ano passado, 590 casos de violência doméstica. Deste total, 73 queixas foram feitas em agosto
>Págs 4 e 5



Relatório do Gabinete de Apoio à Vítima de Co



A denúncia de atos de violência doméstica às forças de segurança tem vindo a aumentar, em média, 12 por cento por ano, desde que é considerado crime público

Agosto é o mês em que ocorrem mais casos de violência doméstica. Coimbra não é exceção

Em 2010, o Gabinete de Apoio à Vítima de Coimbra recebeu 73 queixas. A justificação é simples: os casais estão mais tempo juntos.

●●● É durante as “férias grandes” e ao fim-de-semana que os crimes de violência doméstica disparam. Em 2010, o Gabinete de Apoio à Vítima de Coimbra (GAV) registou um total de 590 processos de apoio (deste total, a problemática de crime foi registada em 72 por cento das situações sinalizadas, e é sobre estas que o relatório da APAV incide). Curiosamente, foi durante o mês de agosto que o GAV mais queixas recebeu (73 queixas). A justificação é simples: o agressor passa mais tempo em casa.

Testemunho de uma vítima

"O meu marido sempre me bateu, desde o namoro. Há um dia em que a gente não aguenta mais e decide mudar de vida, sair, ter liberdade para ser feliz". O testemunho é de Gertrudes Maria, de 45 anos, que encontrou ajuda na Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) para conseguir libertar-se de uma vida subjugada à violência doméstica. O testemunho é desvendado na página da APAV, mas sem rosto. Mais um, entre tantos que, em 2010, tiveram a coragem de denunciar o agressor.

Em Coimbra, o relatório do GAV afirma que as relações familiares entre autor do crime e vítima são as situações mais comuns. Em termos relacionais, só entre cônjuges assinalaram-se 43,6 por cento dos registos (ou seja, 186). Entre companheiros, ocorreram 60 casos de violência.

E qual é o tipo de vítima que mais corre ao GAV de Coimbra? A maioria é mulher (89 por cento dos casos relatados) e tem uma idade que oscila entre os 36 e os 45 anos de idade (13,8 por cento). Uma curiosidade: as vítimas com nível de frequência no ensino superior apresentam valores acima dos restantes níveis de ensino, com cerca de 9,8 por cento do total de casos registados.

Mais grave é o facto de a maioria das vítimas (em 79 por cento dos casos) ser alvo de práticas continuadas de crime. Durante o ano de 2010, o GAV de Coimbra assinalou que grande parte das situações se prolongava entre dois a seis anos (10,1 por cento) e entre 12 e 20 anos (oito por cento).

Coragem para denunciar

Importa referir que apesar da visibi-

discurso direto

► Há um dia em que a gente não aguenta mais e decide mudar de vida, sair, ter liberdade para ser feliz.

► Tive apoio de várias instituições, fui ao Apoio à Vítima, bati às portas e fui corajosa. A minha filha e eu merecíamos uma vida melhor.



Gertrudes Maria, de 45 anos

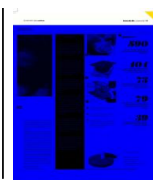
lidade que a violência doméstica vai adquirindo em Portugal, ainda se trata de um fenómeno dotado de uma grande opacidade. E assim irá permanecer se não se promoverem estratégias diversificadas e adequadas de abordagem e intervenção, levadas a cabo por associações como a APAV.

"Tive apoio de várias instituições, fui ao Apoio à Vítima, bati às portas e fui corajosa. A minha filha e eu merecíamos uma vida melhor. Ainda nos falta muito para termos aquilo que sonhamos, e talvez a gente nunca chegue a ter tudo, mas isto já temos e foi resultado do nosso esforço. Somos guerreiras e a vitória faz-se por batalhas", relata Gertrudes Maria, que garante nunca se ter arrependido da decisão que tomou.

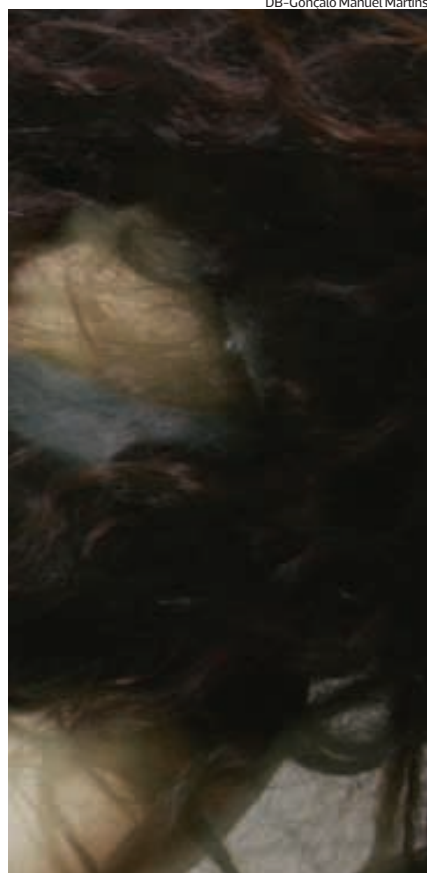
"Quando temos um problema destes, acho que temos de aceitar a ideia de perder algumas coisas para podermos ser livres". E não há preço que pague a liberdade.

Mais de 31 mil participações em 2010

A denúncia de atos de violência doméstica às forças de segurança tem vindo a



DB-Gonçalo Manuel Martins



cronologia

► 1 de agosto de 2010 - Após cinco anos de agressões físicas e psicológicas, e aconselhada por amigos, a presidente da Câmara de Rio Maior decide pôr cobro à violência e apresenta queixa na Polícia Judiciária contra o companheiro

► 3 de agosto de 2010 - Um camionista de 41 anos agride, na via pública, a mulher e um agente da PSP que tenta por cobro à violência. O indivíduo é detido e levado ao Tribunal de Caldas da Rainha. A procuradora do Ministério Público coloca-o em liberdade e o agressor volta à casa da mulher

► 6 de agosto de 2010 - Uma mulher, de 50 anos, é assassinada com sete facadas pelo companheiro, em Oliveira de Azeméis. As agressões eram frequentes e o homem já tinha sido condenado por violência doméstica

► 23 de agosto de 2010 - Maria Amélia, 69 anos, é encontrada morta no chão do quarto, na casa onde vivia, em Silveiros, Barcelos. A mulher estava com as mãos atadas atrás das costas e mostrava sinais de grande violência. Dias depois, a investigação da Polícia Judiciária de Braga conclui que o marido septuagenário matou a mulher e encenou um assalto

► 24 de agosto de 2010 - Três armas de fogo são apreendidas a um idoso, de 77 anos, por suspeita de violência doméstica, pelo Núcleo de Investigação Criminal de Lousã. As autoridades tinham conhecimento de que o indivíduo era suspeito de maltratar a mulher

► 31 de agosto de 2010 - António Sousa esperou em casa pela mulher, a regressar do banco na Póvoa de Santo Adrião, Odívetas. Vítima de violência doméstica, aos 60 anos, lida acabaria por ser regada com petróleo. Foi internada em estado grave, mas sobreviveu



1



2



3

1 Em metade dos casos, as crianças assistem às agressões

2 Cerca de 9,8 por cento das vítimas frequentaram o ensino superior

3 As relações familiares entre autor do crime e vítima são as situações mais comuns. Em termos relacionais, só entre cônjuges assinalaram-se 43,6 por cento dos registos

números

590

processos de apoio registados, em 2010, pelo Gabinete de Apoio à Vítima de Coimbra

404

processos de apoio registados, em 2010, pelo GAV de Coimbra, relativos ao crime de violência doméstica

73

queixas registadas no distrito durante agosto de 2010, relativos ao crime de violência doméstica

79

percentagem das vítimas de violência doméstica que é alvo de práticas continuadas de crime no distrito de Coimbra

39

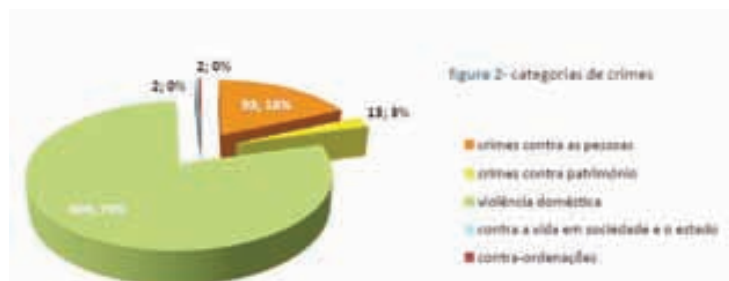
mulheres foram assassinadas em Portugal, durante o ano de 2010, por violência doméstica

aumentar, em média, 12 por cento por ano, desde que é considerado um crime público. Em 2010 foram registadas mais de 31 mil participações de violência doméstica: 12.742 pela GNR e 18.493 pela PSP.

De acordo com o comunicado da Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género (CIG), de 2008 para 2009 as denúncias aumentaram 10 por cento, enquanto de 2009 para 2010 esse aumento situa-se nos dois por cento, menos oito por cento que no ano anterior.

A análise feita pela CIG aos relatórios da Direção Geral de Administração Interna (DGAI), relativos às ocorrências de violência doméstica participadas às autoridades em 2010, revelam que o aumento registado no ano passado deve-se sobretudo ao aumento registado no interior do país: Vila Real, Bragança, Castelo Branco, Braga e Santarém.

Deste total, 39 mulheres foram assassinadas por violência doméstica e de género. Mais 10 do que em 2009.



Categoria de crimes praticados no distrito de Coimbra em 2010 (fonte:APAV)



VODAFONE AJUDA INSTITUIÇÕES DE SOLIDARIEDADE SOCIAL A CONTRATAR PROFISSIONAIS QUALIFICADOS



A ideia é uma só: fazer a diferença. É com esta intenção que acaba de ser lançado pela Fundação Vodafone o projecto "World of Difference". E como? Financiando a colocação de profissionais qualificados junto de instituições de solidariedade social, duas instituições e dois organismos municipais. No total, vão ser gastos 150 mil euros.

As candidaturas ao programa podem ser realizadas, até 12 de Agosto, em exclusivo, no sítio que a Fundação Vodafone criou para o efeito, ou seja, o wod.vodafone.pt. Há, no entanto, que referir que a selecção dos candidatos é da responsabilidade das instituições e não da Vodafone.

Estes vão ser chamados a desempenhar funções de enfermeiro, terapeuta ocupacional e coordenador administrativo no Espaço Saúde da Câmara Municipal de Setúbal. Já a Câmara Municipal de Odivelas precisa de um técnico de informática. O mesmo solicita a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. Por último, a Operação Nariz Vermelho conta receber um Assistente de Comunicação e Divulgação de Fundos.

Até agora, este projecto já foi implementado em 20 países, tendo dado lugar à inclusão de mais de 1500 profissionais nos mercados da economia social.



Victim support association reaches out to tourists

The Portuguese Association for Victim Support (APAV) has launched a new awareness-raising campaign named 'Can I Help You' that has been created specifically to teach tourists what to do and how to do it should they be attacked while on holiday in Portugal.

Speaking to Lusa News Agency, João Lázaro, Vice President of APAV, said that the campaign will kick off with street action on Lisbon's main Augusta Avenue, where information leaflets will be handed out to tourists and passers-by.

"It involves making tourists aware of what preventative measures they must adopt but also about how to find support and a solution if they are the victims of a mugging or pick-pocketing, or what to do if their rent-a-car has been vandalised, so

that when they leave Portugal they feel that they were given a positive response to what happened", he said.

Based on information from the National Statistics Institute (INE) and the Centre for Social and Business Investigations (CISE), the profile of the average tourist in Portugal is male (59 percent), aged between 25 and 44 and has higher education qualifications.

According to APAV, tourists are most frequently the targets of opportunistic crime,

more commonly as vandalism or theft, but they also suffer crimes involving violence, such as muggings and rape, as well as self-induced crimes like drug-taking, curb-crawling and public disorder.

The campaign is financed by the EC and can be seen in three languages, Portuguese, Spanish and English at website: <http://www.helptouristvictims.org>.

During the month of August it will also be featured on TV, radio, in the press and on the Internet.



ID: 37011662

14-08-2011

APAV apoia turistas vítimas de crime

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima lançou na passada quinta-feira, dia 4, uma campanha de sensibilização e reforço do apoio aos turistas vítimas de crime.

Sofrer um crime num país estrangeiro coloca a vítima numa situação de especial vulnerabilidade, devido ao desconhecimento dos procedimentos judiciais e dos recursos de apoio disponíveis, às dificuldades de compreensão doutra língua e à normalmente curta permanência no país em que o crime foi cometido, o que dificulta a sua participação e o acompanhamento do processo.

A APAV, através da UAVIDRE (Unidade de Apoio à Vítima Imigrante e de Discriminação Racial ou Étnica), tem

capacidade para dar resposta a este tipo específico de situação, prestando apoio jurídico, psicológico, emocional e social a quem seja vítima de crime.

A APAV vai lançar uma nova campanha de sensibilização, dirigida aos turistas vítimas de crime. A campanha, que terá maior visibilidade durante o mês de Agosto, foi desenvolvida em parceria com a agência McCann Erickson. A campanha terá expressão através de diversos materiais: frases na TV, frases na rádio, cartazes, imprensa, internet.

Estes materiais têm como base o sítio helptouristvictims.org, desenvolvido com o apoio da Active Média, onde se encontra informação mais completa sobre o assunto – dicas para viajantes,

encontrar ajuda, direitos, etc. – disponível em três línguas (português, inglês e espanhol).

Esta campanha resulta dum projecto financiado pela Comissão Europeia, e representa um primeiro passo na articulação da APAV com instituições da área do turismo e, particularmente, no sentido de reforçar parcerias com Embaixadas.

A campanha arrancou com uma acção de rua, no dia 4 de Agosto, quinta-feira, de tarde, na Rua Augusta, em Lisboa. Nesse momento, foi divulgada informação aos turistas e transeuntes sobre o apoio às vítimas de crime, além de normas de prevenção.

Para mais informações: 213 587 900 ou apav.sede@apav.pt.



top stories

Campaign to protect tourists launched

Updated: 15-Aug-2011

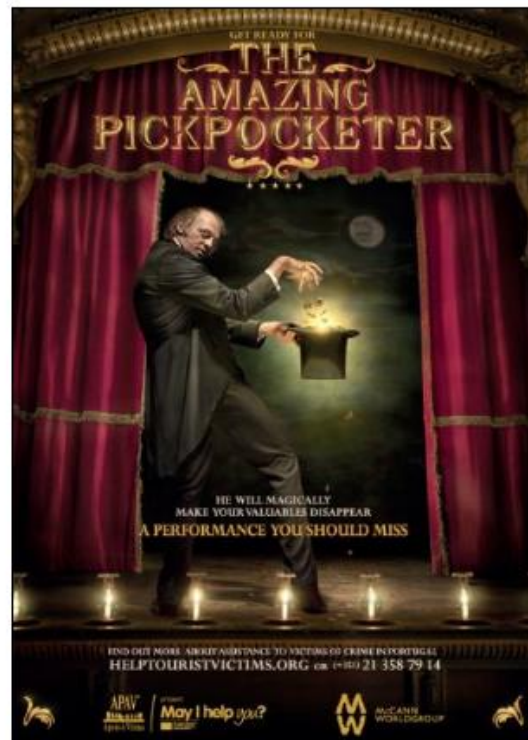
By **DAISY SAMPSON**

daisy.sampson@theresidentgroup.com

A new campaign to help raise awareness and to increase the support of tourists who become victims of crime while on holiday in Portugal has been launched by the Portuguese Association for Victim Support (APAV).

Posters, TV spots, radio adverts, press campaigns and internet marketing will all be used as part of the May I Help You campaign, with increased visibility through the month of August.

A spokesman from APAV said: "Suffering a crime in a foreign country puts the victim in a situation of particular vulnerability. This is due to the lack of understanding of legal procedures by tourists and also because of the few support resources that are available to them as victims of crime, difficulties in understanding other languages and usually the short period of time a visitor is in the country which also hinders the process."



An APAV campaign poster. Photo: SUPPLIED.

APAV are a non-profit organisation that has been especially set up to protect and support victims and they believe that as an organisation they will be able to help tourists who are victims of crime by providing legal, psychological, emotional and social aid.

A special website dedicated specifically at tourists who become victims of crime has been set up as part of the campaign and includes information in English, Portuguese and Spanish.

The site contains information about the rights of a tourist in Portugal and details about the procedures involved in criminal cases from the inquiry stage right the way through to the trial stage while outlining the legal rights of a tourist who is a victim of crime in Portugal.

**■ PROTEGER
TURISTAS**

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima começou uma campanha para turistas: o objectivo é mostrar o que fazer e a quem recorrer se forem vítimas de crime, incluindo casos em que os visitantes são vítimas de roubos – ou em que os seus carros são vandalizados.



Região tem sabido resolver roubos a visitantes

A secretária regional com a pasta do Turismo e Transportes considera que a Madeira não necessita, para já, de um instrumento semelhante à campanha lançada recentemente pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), "May I Help You?", que pretende ajudar os turistas vítimas de crime.

À margem da homenagem a dois casais estrangeiros, que visitaram a Madeira mais de 30 vezes, Conceição Estudante admitiu aos jornalistas que «têm aparecido alguns roubos violentos a turistas, mas não são muitos, fe-

lizmente, nem têm tido a violência que temos constatado noutros locais e esperemos que assim se mantenha».

«De qualquer forma, daqueles casos que surgem, não me parece que haja necessidade de criar outras estruturas de apoio a essas pessoas, porque de uma maneira geral, dada a proximidade que os clientes têm nos respectivos hotéis, quer os hotéis, respectivos representantes dos "tour operadores" e quer a própria Polícia de Segurança Pública, têm tido sempre o maior cuidado e dado o tratamento adequado a estas situações»,

explicou a governante.

«Por isso, não temos reclamações posteriores, ou seja, quando os incidentes acontecem, eles são bem solucionados e resolvidos», continuou, rematando que «achamos que as estruturas que existem no terreno não justificam a criação de mais mecanismos que, naturalmente, em envolventes e ambientes mais alargados e de maior dimensão, poderão justificar-se. Acreditamos que neste momento, e por enquanto, aqui na Madeira, ainda não é necessário».

Sofia Lacerda



Alvaro Encarnação



HÁ VINTE ANOS

APAV apoia Crianças Vítimas de Crime

A APAV - Associação Portuguesa de Apoio à Vítima – apoia crianças vítimas de crime há 20 anos. Só na última década recorreram àqueles serviços cerca de 6.000 crianças. E se é verdade que cada vítima reage à experiência de vitimação de modo diferente, por várias ordens de razão, outras estão especialmente expostas aos efeitos nefastos dessa vitimação. As crianças são vítimas particularmente vulneráveis, com necessidades especiais e acrescidas ao nível da prevenção, informação e protecção.

Dos dados estatísticos apurados pela APAV, nos últimos 10 anos, resalta uma série de realidades: as quase 6.000 crianças apoiadas pela APAV reportaram cerca de 9.000 crimes; o número de crianças do sexo feminino foi sempre superior ao de crianças do

sexo masculino; a idade das crianças situa-se maioritariamente entre os 11 e os 17 anos; foram relatados mais de mil crimes sexuais praticados contra crianças, uma realidade com alguns contornos preocupantes, aparecendo cada vez mais crianças com menos de 4 anos vítimas destes crimes. A Internet é um meio utilizado para a perpetração deste tipo de criminalidade, o que dificulta o despiste e a investigação. Mas há mais. O número de crimes praticados contra crianças em contexto escolar (o chamado bullying) está a aumentar, o que reflecte a maior visibilidade que este tipo de ocorrências ganhou nos últimos anos.

A APAV está a lutar em várias frentes pela protecção e promoção dos direitos das crianças e jovens vítimas, desde os Gabinetes de Apoio

à Vítima, mas também através de um conjunto de actividades específicas de prevenção e sensibilização, como o Projecto IUNO – sensibilização e informação sobre violência doméstica e sexual; Musas – concepção e produção de módulos de formação para profissionais que lidam com crianças vítimas de crimes em contexto escolar e de crimes rodoviários; 4D – prevenção integrada em contexto escolar; 100violência - Prevenção da Violência na Comunidade Escolar e a presença em várias Comissões de Protecção de Crianças e Jovens.

Como salienta a APAV ‘é através de todo este trabalho que se procura apoiar as crianças vítimas de crimes, para que as suas vozes não continuem a ser quase inaudíveis e que o seu sofrimento não permaneça escondido’.



ID: 37149388

18-08-2011

TAVIRA ILIMITADA

Biblioteca debate Racismo e discriminações



D.R.

“RACISMO, XENOFOBIA E OUTRAS DISCRIMINAÇÕES” é o tema do painel presidido por **Jorge Sampaio**, alto representante da ONU para a Aliança das Civilizações, cuja apresentação tem lugar às 15 horas do próximo dia 21, na Biblioteca Municipal de Tavira.

Participam nesta sessão os conferencistas **Rui Tavares** (deputado europeu), **Paul Schmit** (embaixador do Luxemburgo), **Juan de Dios Ramirez Heredia** (presidente da 1ª Union Romani em Espanha) e **José Cutileiro** (embaixador). A iniciativa vai contar ainda com a presença do presidente da Câmara de Tavira, **Jorge Botelho**.

No dia 16 de Setembro, pelas 19 horas, **Rita Bessa**, do Gabinete de Apoio à Vítima (APAV) de Tavira, e **José Gregório Gonçalves**, da Associação Tavirense de Apoio ao Imigrante (ATAI), vão explicar o trabalho que as organizações que representam desenvolvem junto da comunidade de imigrantes, em Tavira, e cuja eficácia depende, em grande parte, do voluntariado.

Estas iniciativas encerram o ciclo realizado no âmbito do movimento cívico “Tavira Ilimitada contra o racismo e a xenofobia”, do qual o **POSTAL** foi parceiro.



Mulher dá facada no marido já condenado por agressão violenta

Vila Real. Há um ano, Fernando agrediu Anabela com martelo. Agora ela esfaqueou-o. "Discutimos mas ficamos sempre amigos"

JOSÉ ANTÓNIO CARDOSO

"Estávamos os dois a discutir e, de repente, ele fez um gesto brusco. Julguei que me ia agredir e peguei na faca da cozinha para me defender. Sem querer, fiz-lhe um ferimento nas costas." Foi assim que Anabela Figueira, 38 anos, doméstica, justificou a agressão ao companheiro Fernando Pires, de 41 anos, trabalhador agrícola, ocorrida na noite de quinta-feira na residência de ambos em Bojões, concelho de Vila Real. O homem já foi condenado a 20 meses de cadeia, com pena suspensa, por violência doméstica, mas ontem à tarde o casal já estava unido, sem aparentes ressentimentos.

"Nós discutimos muitas vezes, mas ficamos sempre amigos", argumentou Anabela Figueira.

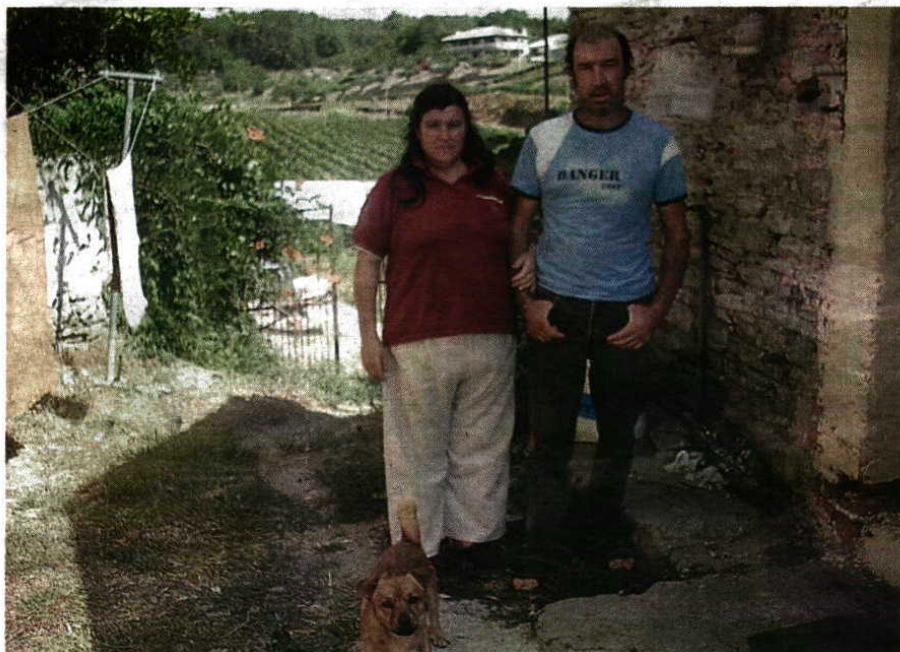
"Fui eu própria quem chamou o 112 e a GNR para me entregar", esclareceu a mulher ao DN. A vítima

ma foi conduzida ao Hospital de Vila Real mas teve alta pouco depois. "Trataram-me do ferimento com quatro pontos, não é nada, vai curar depressa", disse, pouco preocupado com o sucedido.

Segundos os vizinhos do casal, as discussões e agressões são constantes. Uma vizinha disse ao DN que têm problemas de alcoolismo: "É o vinho, bebem mais de um garrafão por dia e depois dá nisto. A Segurança Social, em vez de subsídios, deveria providenciar o tratamento destas pessoas."

Fernando Pires foi condenado há cerca de um ano a 20 meses de cadeia com pena suspensa pelo mesmo período, após ter agredido Anabela. E não tem problemas em relatar os factos. "Cheguei a casa e ela estava com outro. Então peguei no martelo e dei com ele na cabeça dos dois", contou. A mulher, ao seu lado, defende-se logo: "Eu estava a ser violada."

Com notória necessidade de



Ontem à tarde, Anabela e Fernando já diziam estar amigos de novo

apoio, a vários níveis, o casal não se dá conta da violência com que prossegue a sua vida.

Segundo a GNR, o indivíduo já se encontrava fora da residência quando os militares chegaram ao local. Foi transportado para o Hospital de Vila Real e suturado nessa unidade médica. Na altura da agressão, o casal aparentava estar sob o efeito do álcool.

Entre Janeiro e Julho deste ano, a GNR recebeu 218 queixas de violência doméstica na área do distrito de Vila Real e fez seis detenções em flagrante. O distrito tem grandes problemas de violência doméstica, difícil de combater devido ao facto de as vítimas se comportarem como Anabela e Fernando – após as agressões e os procedimentos judiciais, tudo regressa à normalidade possível... até novo acto de violência.

A mulher deveria ser presente ontem ao Tribunal Judicial de Vila Real, para serem determinadas as medidas de coacção, mas a audiência foi adiada para a próxima segunda-feira.

4 PERGUNTAS A...

"Reconciliação faz parte do ciclo de violência"



SÓNIA CARIDADE
Psicóloga

Como se explicam estes constantes actos de violência entre duas pessoas ao longo de anos? O ciclo da violência doméstica tem geralmente três fases, desde o aumento da tensão, seguindo-se a agressão violenta até à reconciliação. É uma escalada de violência que por vezes culmina com uma atitude mais reactiva da vítima que pode acabar, em situação limite, em homicídio. **Esse é um problema transversal a todas as faixas etárias?** Também acontece, embora o con-

ceito de violência em casais mais novos tenha uma interpretação diferente. Muitas vezes os actos violentos são confundidos como uma forma de gostar e acredita-se que se se avançar para uma situação como o casamento tudo vai mudar. Cientificamente isso é contrariado.

Mas o que leva as vítimas a manterem-se juntas?

Vários motivos, mas principalmente o facto de existir uma dependência financeira e monetária em relação ao agressor. Em muitos casos, por uma questão cultural, por se pensar que quando se casa é para toda a vida. Noutros, devido à existência de filhos menores.

Mas há sempre a possibilidade de se pedir ajuda...

Nem sempre. Há pessoas que não sabem sequer a quem recorrer. Desconhecem mesmo que a APAV existe. A.T.

MAUS-TRATOS

Há 15 mil vítimas de violência doméstica

• A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) registou, no ano passado, 15 mil casos de violência doméstica. Os principais crimes foram os maus-tratos físicos (4389), e os maus-tratos psicológicos

(5293). A vítima é geralmente mulher (87%), com idade entre os 36 e os 55 anos (55%), casada (46%), com o ensino superior (25,5%) e com contrato de trabalho por conta de outrem (42,4%).



● A coordenadora regional da APAV, Helena Costa, desdramatiza as denúncias de violência sobre idosos e alerta para a quantidade de famílias de acolhimento que burlam emigrantes

RICARDO REGO/LUÍS PEDRO SILVA
acorianaooriental@acorianaooriental.pt

Os últimos dados da Procuradoria-Geral distrital de Lisboa dão conta de 47 intervenções policiais em casos de violência sobre o idoso – 36 em Ponta Delgada e 11 na Ribeira Grande – nos primeiros seis meses deste ano. Como é que a APAV tem acompanhado estes números?

Estes números não são uma surpresa para nós e eu desconfio que, nos próximos tempos, vamos continuar a assistir ao aumento de denúncias de violência sobre o idoso, porque as pessoas já não estão escondidas e já têm outra forma de procurar apoio. Isso é bom, porque os números de apoio não são os da criminalidade real. Mas quando nós aumentamos os números de apoio estamos a aproximar-nos dos da criminalidade real. Portanto, os dados a que se refere não são uma situação alarmante, não significam um aumento exponencial da criminalidade. Resultam é da consciencialização das pessoas traduzida em acção: a denúncia e procura de apoio.

Quando é que estamos perante um caso de violência sobre o idoso?

A violência sobre o idoso pode ocorrer de múltiplas formas e em várias circunstâncias. Ainda assim, aquela que nos parece mais grave é a que ocorre em ambiente familiar, porque existe uma dependência ao nível dos laços familiares e da própria organização do quotidiano do idoso. Neste quadro temos a violência psicológica, a violência física e a violência financeira. A violência financeira acontece com bastante frequência sem nós nos apercebermos e traduz-se num aproveitamento, por parte dos familiares, dos recursos económicos do idoso. Não falo do caso em que, por incapacidade declarada, o idoso cede a gestão do seu orçamento a um familiar, mas em casos em que há um claro abuso e aproveitamento do dinheiro desta pessoa para benefício de quem o gere ou dele se apodera; depois temos os casos de violência na rua, como furtos, roubos, burlas e estes são aqueles que, tendencialmente, têm menos consequências negativas; por fim, temos os casos de violência sobre o idoso internado em hospi-



A APAV está em Ponta Delgada mas estende o seu trabalho a todo o Arquipélago com acções de sensibilização

ENTREVISTA HELENA COSTA COORDENADORA DA APAV NOS AÇORES

Idosos abandonados no Hospital durante o Verão

tais, centros de saúde, lares e até mesmo os praticados no âmbito do serviço de apoio ao domicílio.

Estes são os mais abafados, não é? Hoje já nem tanto. Quando existe uma denúncia relativamente a um lar ou a uma residência a Segurança Social vai lá tentar localizar e identificar a vítima. Antigamente isto era mais difícil. Até porque o Governo, falo de uma forma geral, se demitiu da sua responsabilidade para com os idosos. A partir do momento em que há uma transformação nas famílias, em que estamos num

cenário económico que apela de forma constante ao consumo e nos obriga a produzir, para ter dinheiro e depois adquirir os bens, tudo isto sem uma resposta capaz de acompanhar e enquadrar estas transformações, obviamente que os idosos acabaram por ser colocados em espaços pomposamente chamados de lares mas onde eram maltratados porque não havia locais para os acolher. Portanto, o Estado não preparou atempadamente uma política social relacionada com o envelhecimento da população.

Até porque o lar é a última resposta que deve ser dada..

Claro. Há muitas outras respostas. Uma delas, que nos parece sempre a mais apropriada quando a pessoa precisa de cuidados, é o apoio domiciliário. Uma boa rede de assistência no domicílio levava a que os idosos permanecessem na sua casa, no seu meio natural e familiar até mais tarde. Não havendo esta rede de apoio, obrigatoriamente os idosos tiveram de ir para os lares, sobrelotando-os, o que conduziu ao aparecimento de lares ilegais.

Tem conhecimento da existência de lares ilegais em São Miguel?

Lares ilegais, não. O que acontece é famílias de acolhimento ilegais. Famílias que, a troco de dinheiro, ficam com idosos em suas casas. Na maior parte dos casos estas pessoas burlam emigrantes. Ou seja, são idosos que têm filhos no Canadá e nos Estados Unidos e não verificam as condições em que os pais estão a viver, limitando-se a fazer os pagamentos a partir daqueles países.

O Verão é uma época crítica no que diz respeito ao abandono dos idosos?

Sim, sim, o mais possível. Se for ao Hospital do Divino Espírito Santo vão dizer-lhe já que sim. Nesta altura há muito centro de saúde e hospitais a receber idosos com queixas simuladas. Os familiares vão lá, dizem que o idoso se queixa de uma série de patologias, para ele ficar lá internado. Ou então introduzem doenças nos idosos, retirando-lhes a medicação, por exemplo.

Receia que, com a actual crise financeira e a redução do poder de compra das famílias, este cenário se agrave?

Bom, eu penso, e a própria APAV tem consciência disso, é que, com o intensificar da crise este ano, há muitos familiares que vão buscar os seus idosos de volta a casa não porque os queiram lá mas porque precisam da reforma deles para fazer face às despesas. E isto preocupa-nos consideravelmente. Se antes o idoso não era desejado lá em casa, porque dava trabalho e só tinha 200 euros que pouco ou nada ajudavam no orçamento familiar, no período que atravessamos 200 euros é muito dinheiro e aí já convém às famílias terem os idosos em sua casa. Obviamente que isso vai criar tensões porque as pessoas também não têm tempo para tratar dos idosos. Há casos em que não é por falta de vontade, é mesmo uma questão de capacidade ou falta dela.

É possível definir um perfil do agressor?

Não. Há famílias de classe muito alta, em que os maus-tratos ao idoso estão relacionados com a tentativa de conseguir retirar bens; situações de classe baixa ou muito baixa; agressores que têm formação superior; pessoas sem qualquer tipo de formação; agressores que se queixam que, enquanto crianças, eram maltratados pelos pais e agora usam a violência sobre eles como vingança; outros dizem que tiveram os melhores pais do mundo mas que agora não têm grande disponibilidade para cuidar deles. ♦

ARQUIVO AO/EDUARDO RESENDES



Pulseira é pouco usada na violência doméstica

Em Maio existiam 26 agressores sob vigilância electrónica em todo o país

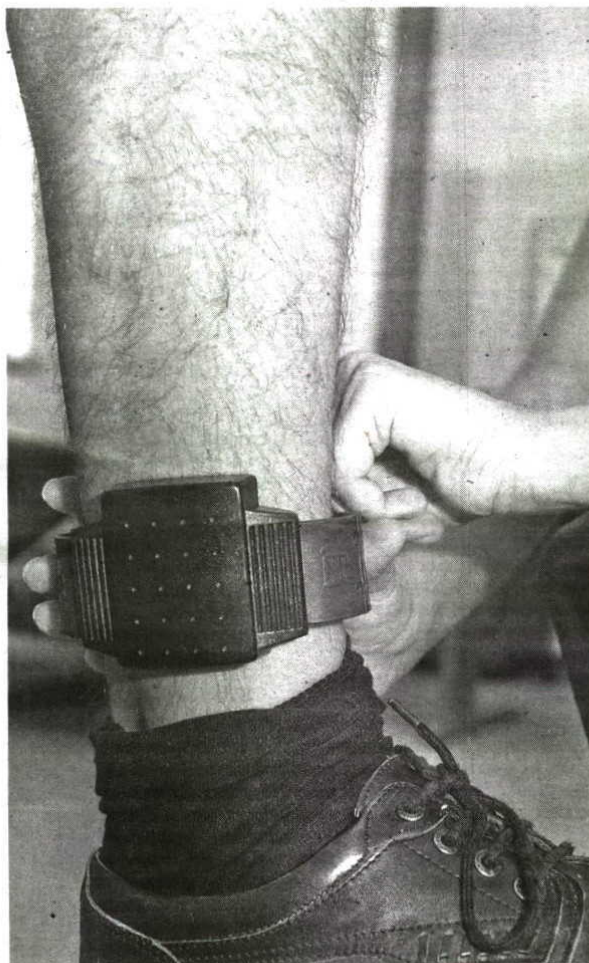
CLARA VASCONCELOS
clara@jn.pt

Os tribunais decretaram a aplicação da pulseira electrónica em 54 casos de violência doméstica. Um número ainda incipiente, mas explicado pela forma faseada como a lei está a ser implementada e pela necessidade de consentimento da vítima e do agressor.

Aprovada em Setembro de 2009, a lei que estende a aplicação da vigilância electrónica ao crime de violência doméstica foi utilizada apenas 54 vezes. Dados da Direcção-Geral de Reinserção Social dizem que, em Maio passado, estavam activas 26 pulseiras electrónicas. O número é considerado ainda "baixo", mas, como recorda Frederico Marques, assessor técnico da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), a lei só no decorrer deste ano foi generalizada a todo o País. Em 2010 funcionou em fase experimental nos distritos de Coimbra e Porto.

Por outro lado, sublinha o jurista, nos casos de violência doméstica, a vigilância electrónica "é mais dispendiosa do que nos restantes casos. Implica um dispositivo para o agressor e um outro (teleassistência) para a vítima. Para que nos casos em que o agressor se aproxima, ela possa ser avisada do risco.

Por enquanto, não há ainda qualquer resultado da aplicação desta medida, nomeadamente, na ocupação das casa-abrigo, para onde as mulheres são levadas e "escondidas". Mas, a prazo, é esse o objectivo da lei.



Vítima e agressor têm de concordar com uso de pulseira electrónica

Flash

NEUZA FREIRE
LOPES
ADVOGADA



Advogada com experiência em Direito da Família recorda que, apesar do número ainda reduzido de casos, a lei "está a fazer o seu caminho".

"Magistrados são receptivos"

Nos casos de violência doméstica, em que situações se aplica a pulseira electrónica?

É aplicada quando ainda não há condenação e na fase de julgamento, como medida de coacção ou como pena acessória, em caso de suspensão da pena. Aplica-se sempre que ocorrer risco efectivo para a vítima, mas há necessidade de consentimento do agressor.

Os magistrados e os juizes são receptivos à aplicação desta medida?

Sim, há cada vez mais sensibilização. Até por parte das polícias.

Desde Outubro de 2009 foram aplicadas 54 medidas. Como interpreta?

Este é um trabalho que vai sendo feito. A Lei entrou em vigor em Outubro de 2009, mas só no Porto e em Coimbra, e só recentemente foi alargada ao resto do país. ■

"Pretende-se que estas medidas tornem cada vez menos necessário recorrer às casa-abrigo para esconder as vítimas", diz o jurista, ressaltando porém que não é esta lei "que vai resolver todos os problemas". Isso, só "se pusessemos um polícia 24 horas por dia à porta da vítima".

Ao contrário de Maria Fernanda Alves, Magistrada responsável pela secção de violência doméstica do Departamento de Investigação e Acção Penal de Lisboa (DIAP), Frederico Marques considera que a dificuldade de aplicação da lei não se encontrará tanto na obrigatoriedade de obter o consentimento quer da vítima quer do agressor para que a medida seja aplicada.

"É uma medida que colide com direitos fundamentais e que é altamente intrusiva para os dois (vítima e agressor)", diz. Para além disso, ao agressor não aproveita o não consentimento, até porque "a alternativa pode ser a aplicação de uma medida mais gravosa" (como

Nos casos de violência doméstica, a vigilância electrónica é mais dispendiosa

a prisão preventiva, por exemplo). O jurista critica sobretudo a acção dos tribunais quando existe violação da medida e o agressor, apesar da vigilância, se aproxima da vítima: "Vai pouco além de um raspanete e não se passa para o grau seguinte", afirma.

A magistrada do DIAP defende por seu lado que a pulseira devia ser imposta. Trata-se de "proporcionar uma maior segurança à vítima", por isso, "deveria ser obrigatório para o agressor", diz.

Na sua secção são poucos os casos em que foi possível a aplicação da vigilância electrónica. "Umavez não temos a concordância do Juiz, outras não temos do agressor e outras não temos o consentimento da própria vítima", explica. ■



Histórias de casais que partilham
tecto e nada mais

Unidos pelas dívidas

Quando a história de amor termina, nem sempre as pessoas seguem rumos de vida contrários. Há casais que, apesar de já não o serem há muito, permanecem sob o mesmo tecto, sujeitam-se a silêncios e a agressões, apenas para não perderem a casa ou carro, e pagarem dívidas contraídas quando o casamento ainda prometia. O JORNAL DE LEIRIA ouviu relatos de quem experimentou vidas de *stress* e revolta, muitas vezes espelhadas nos filhos.

Textos: Daniela Franco Sousa
Fotos: Ricardo Graça

Embora alguns casamentos se revelem autênticos erros de percurso, há casais, totalmente disfuncionais, que preferem ou vêem-se obrigados a viver sob o mesmo tecto a optar pelo divórcio. Homens e mulheres sujeitam-se a tal condição por motivos religiosos, por vergonha de assumir o fracasso do matrimónio perante a sociedade, mas há também quem o faça porque contraiu empréstimos a dois, tem dívidas a pagar, ou, sozinho, não tem capacidade para sustentar uma casa.

Os especialistas ouvidos pelo JORNAL DE LEIRIA dizem que se trata de uma situação muito difícil de manter, pois desencadeia frequentemente quadros depressivos nos cônjuges. Há casos mais amenos, onde as pessoas continuam, apesar de tudo, a conviver como amigos, mas existem situações que envolvem violência psicológica e física.

E, quando os filhos presenciam cenas de conflito, não raras vezes demonstram sentimentos de revolta e grandes dificuldades na escola. Por todas estas razões, a situação é de grande *stress*, mas, na maioria das vezes, transitória, coliminando com o divórcio efectivo.

PROTEGER O FILHO DE DIFICULDADES

Esteve casada 21 anos, 16 dos quais sem carinho nem contacto físico com o marido. Nos últimos cinco anos evitava encontrá-lo em casa, não lhe dirigia a palavra e até o seu respirar a irritava.

Começou por dormir no sofá, e mais tarde, porque as costas se

queixavam, passou a fazer a cama no chão do escritório. Primeiro deitava-se depois do filho adormecer e levantava-se antes que acordasse. Depois, passou a comentar com a criança que o pai ressonava, que se mexia muito na cama, e assim justificava por que nunca se deitava com o marido. A filha, mais velha, a quem a situação constrangia e revoltava, preferiu deixar a casa assim que pôde, ainda jovem, para não ter de presenciar a situação.

Aquele homem, que vivia em sua casa “como um amigo”, Maria Oliveira continuou a preparar as refeições e a tratar da roupa, “até ao último dia”. Na rua, aos olhos de todos, continuavam a formar um casal.

Apesar de nunca ter existido violência física, Maria Oliveira explica que em casa o ambiente era de “ataque psicológico” e que regressar do emprego era como voltar para o inferno. “Pedia a Deus que o trabalho durasse até às dez da noite só para não ter de ir para casa. Os fins-de-semana eram uma tortura.”

Sujeitou-se durante anos a fio àquela situação, apenas para que o filho não passasse por dificuldades. Não sabia se teria condições de lhe proporcionar comida e abrigo se abandonasse a casa com pouco mais de 400 euros de vencimento no bolso. Foi por isso que arrastou a situação até o filho se tornar adolescente. “Pensei que nessa altura já podíamos passar os dois com pão e um copo de leite”, brinca Maria Oliveira.

Durante todos esses anos, diz

ter sentido “vergonha” de contar a verdade a terceiros. Receava que a julgassem “fraca”.

No entanto, apesar de se ter esforçado para que os filhos fossem bem educados e tivessem bons resultados na escola – como vieram a ter – Maria Oliveira reconhece que, nestas situações, “as crianças acabaram por pagar a factura”. Sentia-se muitas vezes sem calma para os ouvir como deveria.

Hoje, um ano após ter pedido o divórcio, sente-se finalmente “em paz”. Só lamenta não ter tomado a decisão mais cedo. “Estou a começar a viver aos 50 anos.”

VERGONHA DE SER SEPARADA

Apesar de ter contraído crédito à habitação e crédito automóvel, juntamente com o marido, Carla S. assegura que não foi pelas dívidas que optou por ficar em casa quando já nada tinha em comum com o esposo. Preferia não pedir divórcio por considerar que “era uma vergonha” e que “as pessoas falavam”.

Além disso, admite, toda a vida tinha assistido ao casamento de “fachada” dos seus pais. “Tinha sido educada assim e achava que também devia aguentar.”

Esteve casada durante sete anos. Os primeiros dois anos e meio foram de casamento pleno. No ano e meio que se seguiu, ele e ela mantiveram-se sob o mesmo tecto, compraram automóveis, fizeram IRS juntos, quando, na realidade, já faziam vidas separadas. Porque existia um filho menor em comum, porque tinha vergonha que comentassem, continuava a preparar-lhe as refeições, a tratar da sua roupa, mesmo quando era sujeita a violência “física e verbal”.

Estar em casa era “horrível”. Sentia sempre “medo e angústia”, lembra Carla S., que tentava conter-se ao máximo para não suscitar agressões. “Não fazia nada para a bomba não explodir.”

No papel, o divórcio só chegou três anos depois. “Senti grande paz de espírito”, uma “liberdade” para a qual “não há palavras”.

Passaram alguns anos, mas Carla S. entristece sempre que o filho lhe lembra as discussões. Percebe que ter partilhado a casa com o ex-marido durante tanto tempo foi pior para a criança do teria sido o divórcio imediato. “Era uma criança muito agressiva, com atraso na fala, e que precisou de acompanhamento psicológico”, recorda.

À ESPERA DA MUDANÇA

De início, irritava-a o facto dele não ser um pai presente. Depois, cada um passou a dormir no seu canto e a sair à noite para locais diferentes, com amigos diferentes. Os últimos dois anos de casamento de Rosário G. foram um misto de revolta e de esperança. Apesar de dormir algumas noites no sofá e outras num dos quartos vagos da casa, Rosário G. continuava à espera que o marido mudasse e reatasse a comunicação que escasseou sempre durante o casamento.

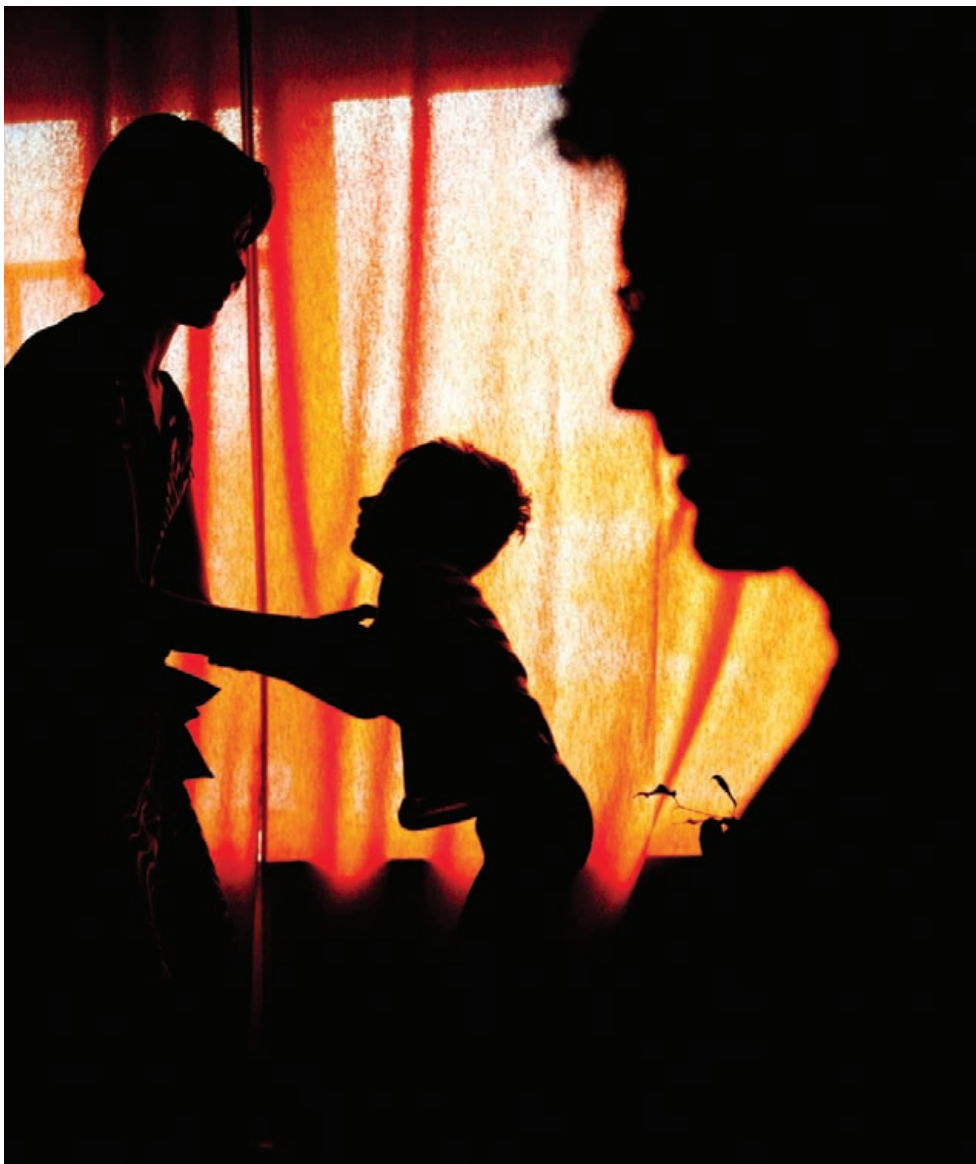
Continuava a tratar da roupa do esposo e preparava-lhe as refeições, aquelas que incluíam o filho. Mas recusava-se a fazer-lhe o lanche para o emprego, por exemplo.

“Não sentia nada. Era só mais uma pessoa que estava ali.” E, a dada altura, até os passos dele me irritavam.”

Existia um filho em comum, menor, e uma casa que, sozinha, Rosário G. nunca conseguiria pagar. Por isso, a solução foi ir ficando – podia ser que ele mudasse a sua atitude – ou então que saísse por sua vontade, o que acabou por acontecer.

Para Rosário G., partilhar a casa naquelas condições foi “difícil”, mas também está a ser complicado criar um filho sem a presença de uma figura masculina, reconhece. ■





Falta de dinheiro não explica tudo

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) registou no último ano quase 14 mil casos de violência doméstica em todo o País. A maior parte dos registos diz respeito a violência exercida sobre mulheres, mas o contrário também acontece. No que respeita apenas ao distrito de Leiria, a APAV identificou, em 2010, 192 factos criminosos relacionados com violência doméstica, que incluíram maus tratos físicos e psicológicos, ameaças e ofensas sexuais, entre outros.

Rosa Castro, assessora técnica do gabinete de apoio à vítima de Lisboa, garante que as dívidas e as dificuldades económicas não são as únicas causas para que as pessoas se sujeitem a agressões por parte do cônjuge e ainda assim continuem sob o mesmo tecto. Rosa Castro lembra que muitas mulheres "não saem da relação por medo de represálias, de perder direitos sobre os seus filhos". Assim, nota a assessora técnica, "a dependência económica é apenas um dos factores, mas não o único". Se assim fosse, aponta, não haveria histórias de violência doméstica nas classes mais altas, como também sucede. ■

Instabilidade emocional reflecte-se na escola

Catarina Mexia, psicóloga e terapeuta de casais, garante que estas situações são causadoras de grande stress para eles e elas, podendo desencadear quadros depressivos. Quando existem filhos, estes casos de "grande instabilidade emocional" também têm reflexos nos resultados escolares.

No seu consultório, a psicóloga recebe várias pessoas com problemas conjugais. Alguns pretendem conselhos para se reaproximarem. Outros, desavindos, mas sem dinheiro para se mudarem para casas separadas, pretendem receber conselhos para conseguir viver sob o mesmo tecto.

Nestes casos, Catarina Mexia recomenda que a vida em casa se faça o mais distanciada possível, como se de um divórcio efectivo se tratasse. Ele e ela não devem dormir juntos e devem evitar cruzar-se pela casa, incluindo os horários das refeições. As senhoras não devem preparar a comida nem tratar da roupa deles e devem fixar horários para estar, ora um ora outro, com os filhos.

O melhor, defende a psicóloga, é que ambos estabeleçam as normas por escrito, até porque há muitos pormenores a definir, relativos a contas bancárias,

apoios aos filhos, etc.

Se existirem crianças muito pequenas, com idades até aos seis anos, o ideal é que a verdade não seja revelada. Como na cabeça dos mais novos uma separação implica sempre afastamento físico, tentar explicar-lhes a situação só irá confundi-los. A partir dos seis anos, os pais poderão adiantar que o casal já não funciona, mas sempre com muita cautela.

A situação, nota a terapeuta, é muito difícil de manter, especialmente porque se deve deixar de controlar as saídas e as entradas do outro, e eventuais envolvimentos extra-conjugais. Na maior parte das vezes, depois de dois ou três anos, os casais optam por encontrar alternativas.

Para Fausto Amaro, sociólogo, do ponto de vista da criança, não há inconveniente em que pai e mãe vivam separados sob o mesmo tecto, desde que esta não presencie cenas de conflitualidade. Caso exista conflito, o melhor é que cada um siga o seu rumo.

Entrevistada pelo JORNAL DE LEIRIA, a mediadora familiar Margarida Vieitez defendeu que os aspectos financeiros são, em muitos casos, o motivo

principal para que um casamento de má qualidade se arraste durante anos. "Temos casais a viver juntos porque não têm possibilidades de ter duas casas", dizia.

A mediadora nota que, nestas situações, a maioria das pessoas se encontra num processo depressivo, deixando de comer, de se preocupar com elas e até de dormir. No entanto, enquanto os homens optam por ficar mais tempo no emprego, sair com amigos e estar ausente, elas continuam a cuidar das crianças e a fazer tudo.

O mau casamento tem ainda efeito nos filhos, sublinha a mediadora. "Temos situações de crianças em regressão, depressão e tristeza", além de demonstrarem insucesso e agressividade na escola.

Fausto Amaro explica que não existe ainda nenhum estudo em Portugal que ofereça dados quantitativos sobre a dimensão do fenómeno no País, mas sublinha que se trata de uma situação "anormal", "transitória", que tende a ser resolvida com a separação física do casal. Mais raros ainda são os casos de casais que, apesar de efectivamente divorciados, continuam a viver na mesma casa, lembra o sociólogo. ■



SINTRA ■ FECHAVA A PORTA DO QUARTO PARA A MÃE NÃO OUVIR A MENINA CHORAR

Caçado a violar enteada

■ Mulher acordou e não viu o marido ao lado. Apanhou-o na cama da filha, de onze anos

● MAGALI PINTO

A mulher de 33 anos acordou ao início da madrugada de anteontem e não viu o marido ao seu lado na cama, em Mem Martins, Sintra. Levantou-se em sobressalto e foi encontrá-lo deitada com a filha dela, de apenas 11 anos, na cama da criança. A chorar, a menina acabou por admitir à mãe que era violada durante a noite pelo padrasto. O pedófilo, actualmente desempregado, foi preso pela Judiciária.

Casada há quatro anos com o violador, a mãe da menina nunca se tinha apercebido do desejo do próprio marido em relação à sua filha menor. Aos inspetores da Polícia Judiciária de Lisboa, a criança admitiu que foi vítima de abusos pela primeira vez no início da semana passada. Disse ainda não ter denunciado o padrasto porque ele a ameaçava.

A viver um pesadelo, valeu-lhe a atenção da mãe, que não

hesitou em alertar as autoridades. Sem quaisquer antecedentes criminais, o violador confessou que abusava da enteada porque, como estava desempregado, passava longas temporadas com ela, sozinhos em casa.

Ao que o CM apurou, o casal não tem filhos em comum. A menina dormia num quarto ao lado e, durante os abusos, o predador sexual fechava a porta para a mãe não ouvir a vítima a chorar. Durante a detenção, o

homem não ofereceu resistência e confessou desde logo os seus crimes.

A menina e a mãe já estão a receber apoio psicológico. Os técnicos da Segurança Social foram accionados. ■

Justificou-se à Judiciária com o facto de estar sem emprego



Predador detido por inspetores da Polícia Judiciária de Lisboa

Confessou tudo e juiz enviou-o para a cadeia

● Apanhado pela mulher, que chamou logo a polícia, o agressor não teve como escapar à detenção. Perante a PJ confessou os crimes, mas garantiu que "só tinham uma semana". A detenção ocorreu às 02h30 de anteontem, e a menina foi levada para o hospital Amadora-Sintra, onde realizou os exames. Está a receber tratamento psicológico. O padrasto, levado ao juiz, está em prisão preventiva. ■



RICARDO CABRAL

SAIBA MAIS

IDADE DAS VÍTIMAS

A maior parte das vítimas menores de crimes sexuais tem entre 8 e 13 anos.

777

crianças foram alvo de abusos sexuais no ano passado, de acordo com o Relatório Anual de Segurança Interna.

5917

crianças procuraram ajuda na Associação de Apoio à Vítima (APAV) nos últimos dez anos.

● SALA JÚNIOR DO DIAP Em 2010, o DIAP de Lisboa criou a Sala Júnior para crianças vítimas de abuso.

Abusada pelo padrasto dos 10 aos 17 anos

● Em Fevereiro deste ano, também em Sintra, a Judiciária conseguiu acabar com o pesadelo de uma jovem de 17 anos, que era vítima de abusos todos os dias pelo padrasto. Os abusos começaram quando a rapariga tinha apenas 10 anos. A viver com a mãe e os irmãos menores, a vítima era ainda agredida. Ameaçada de morte, guardou sempre segredo para proteger os irmãos, dado que o agressor dizia que os maltratava se contasse alguma coisa à mãe e à polícia. A situação foi descoberta pela mãe, que apanhou o violador em flagrante. Detido pela PJ, ficou em prisão preventiva. A família era numerosa e vivia com necessidades económicas. ■



Em 45% dos casos, os imigrantes não apresentam queixa dos crimes às autoridades

RODRIGO CABRITA ARQUIVO DN

QUEIXAS

Discriminação racial atinge romenos

» A discriminação racial continua a ser das queixas mais apresentadas. Dificuldade em arranjar emprego, alugar uma casa ou sentar-se à mesa de um restaurante para consumir uma simples refeição são casos com que os técnicos da APAV se deparam frequentemente. Em 2010, foram recebidas 45 queixas desta natureza, 15 das quais apresentadas por romenos. As denúncias recebidas pela APAV são apresentadas ao Alto Comissariado para a Imigração ou junto da Comissão para a Igualdade e contra a Discriminação Racial. Quem for considerado culpado por discriminação pode sofrer uma coima entre uma e cinco vezes o salário mínimo nacional, entre 426,50 e os 2 132,50 euros.

Imigrantes são cada vez mais vítimas de crimes violentos

Processos. Exploração laboral e sexual e sequestros são crimes mais denunciados à APAV

ALFREDO TEIXEIRA

Longe de amigos e familiares, os imigrantes são cada vez mais vítimas de crime em Portugal. Exploração laboral e sexual, ameaças, roubos e furtos, ofensas à integridade física, coacção, rapto, violação, violência doméstica e sequestro são os crimes mais denunciados. Este mês, dois imigrantes foram assassinados em Portugal. Um cidadão de nacionalidade paquistanesa, que exercia a actividade de recepcionista numa pensão de Portimão, foi abatido a tiro. O mesmo aconteceu com um montenegrino, segurança de um bar na cidade da Régua.

O número de processos abertos pela Unidade de Apoio à Vítima Imigrante e de Discriminação Racial ou Ética (UAVIDRE) da APAV – Associação Portuguesa de Apoio à

Vítima –, com base nas denúncias que vão sendo feitas, não param de aumentar. Só no ano passado foram registados 404 processos de apoio e no primeiro semestre deste ano já existem mais 30 do que em igual período de 2010.

Por ser uma população mais vulnerável e por desconhecer o funcionamento da legislação do país que escolheu para trabalhar, os imigrantes tornaram-se um alvo fácil para os criminosos. Por outro lado, os dados da APAV não espelham a realidade. Joana Ruivo, que coordena a UAVIDRE, diz que muitos “desconhecem a quem podem pedir ajuda”, mas o facto é que, de ano para ano, a APAV tem recebido mais queixas, começando a surgir nas estatísticas comunita-

des que até 2010 não recorriam ao serviço, como a romena e a moldava.

São as mulheres que mais recorrem à UAVIDRE, sobretudo de nacionalidade brasileira, o que pode ser explicado por ser a comunidade mais expressiva na imigração. Depois das brasileiras, são as angolanas e as guineenses que mais se queixam.

Dos 404 processos de 2010, em 87% dos casos as vítimas são do sexo feminino e situam-se, em termos de faixa etária, entre os 18 e os 35 anos. Quanto à nacionalidade, 130 eram do Brasil, 25 de Angola, 19 da Guiné e 15 da Roménia. Dos que recorreram ao serviço da APAV, 42,5% estavam em situação regular em Portugal e residiam em grande parte (28,1%) no distri-

404

queixas de imigrantes vítimas de crimes foram registadas em 2010

to de Lisboa. A APAV encontrou 39 sujeitos em situação irregular, condição que poderá dificultar o pleno exercício dos seus direitos enquanto vítimas. O tipo de crime que prevalece é o de violência doméstica (73%), seguindo-se o crime contra pessoas (18%). A UAVIDRE registou ainda 22 casos de ofensas contra a integridade física simples e seis casos de ofensas graves, um homicídio tentado e três consumados. Foram ainda denunciadas 15 ameaças.

“Muitos dos casos prendem-se com exploração laboral e burlas. O que acontece é que as pessoas recorrem à APAV mas não apresentam queixa às autoridades. Não o fazem por pura desconfiança de que as situações serão resolvidas”, salienta Joana Ruivo. Em 28% dos casos, houve denúncia às autoridades, mas em 44% das situações não foi efectuada queixa do crime.



OBSERVATÓRIO do TURISMO
dos Açores



[Home](#)

[Observatório](#)

[Estatísticas](#)

[Estudos](#)

[Inquéritos](#)

[Eventos](#)

[Publicações](#)

[Contactos](#)



APAV arranca com campanha de sensibilização de apoio a turistas

No âmbito do projecto "May I Help You", financiado pela Comissão Europeia, os turistas em Portugal já têm linha da APAV.

Os turistas que visitem Portugal e sejam vítimas de um crime poderão recorrer à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) para apoio jurídico ou resolução de questões práticas, como os procedimentos para cancelar cartões de crédito.

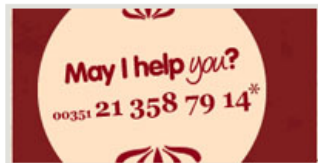
Este apoio vai ser divulgado, através da apresentação de uma campanha de sensibilização que a APAV vai lançar especialmente dirigida aos turistas que visitam Portugal, resultante do projecto "May I Help You" (Posso ajudá-lo), que tem financiamento da Comissão Europeia.

O projecto pretende alertar o turista para a prevenção que deve ter, mas também procurar dar uma resposta e apoio, bem como uma solução às vítimas. O objectivo é proporcionar 'uma sensação e uma resposta positiva ao mal que lhe aconteceu', explicou o secretário-geral da associação.

De acordo com João Lázaro, este é um trabalho que a APAV tem vindo a desenvolver em várias fases e que passa por uma ligação com as embaixadas em Portugal, sendo que muitas disponibilizam nos seus sites ligação para o site da APAV e referência à campanha.

A informação será igualmente passada através dos agentes de turismo e, numa primeira fase, estará principalmente centralizada em Lisboa, com perspectiva de ser alargada aos pontos mais turísticos do continente e ilhas.

APAV APOIA TURISTAS VÍTIMAS DE CRIME



A APAV lança uma nova campanha de sensibilização, dirigida aos turistas vítimas de crime. A campanha de comunicação, que terá maior visibilidade durante o mês de Agosto

Esta campanha resulta do Projeto "May I Help You?", promovido pela APAV com financiamento da Comissão Europeia, e representa um primeiro passo na articulação da APAV com instituições da área do turismo e, particularmente, no sentido de

reforçar parcerias com Embaixadas.

A campanha terá o seu arranque com uma ação de rua, dia 4 de Agosto, quinta-feira, de tarde, na Rua Augusta em Lisboa. Nesse momento será divulgada informação aos turistas e transeuntes sobre o apoio a vítimas de crime, além de dicas de prevenção.

Sofrer um crime num país estrangeiro coloca a vítima numa situação de especial vulnerabilidade, devido ao desconhecimento dos procedimentos judiciais e dos recursos de apoio disponíveis, às dificuldades de compreensão de outra língua e à normalmente curta permanência no país em que o crime foi cometido, o que dificulta a sua participação e o acompanhamento do processo.

A APAV, através da UVAIDRE - Unidade de Apoio à Vítima Imigrante e de Discriminação Racial ou Étnica, tem a capacidade para dar resposta a este tipo específico de vitimação, prestando apoio jurídico, psicológico, emocional e social a quem seja vítima de crime.

Para mais informações:

21 358 79 00 | apav.sede@apav.pt

<http://helptouristvictims.org/>